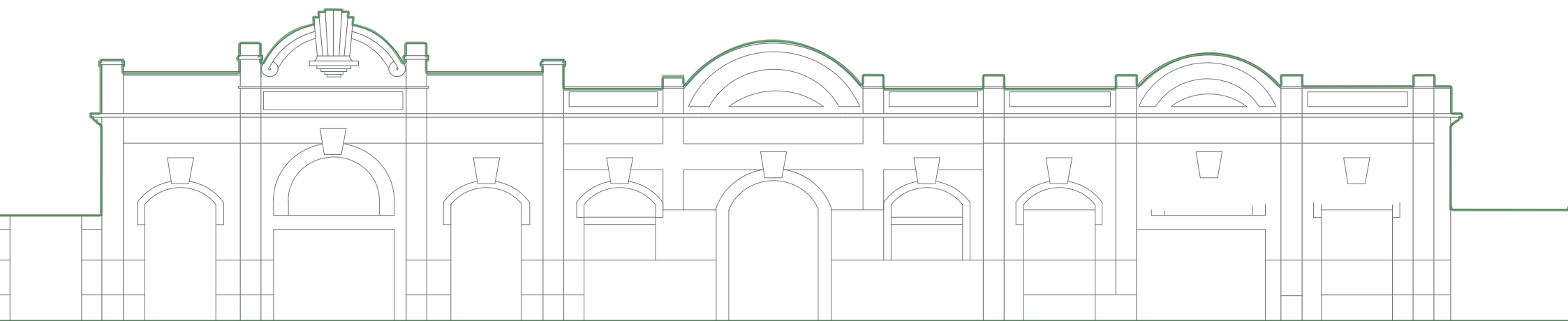


Reabilitação do Trapiche Segundo:

Proposta de Centro de Artes Visuais e Exposição



Universidade Federal de Alagoas
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Curso de Arquitetura e Urbanismo

Reabilitação do Trapiche Segundo:

Proposta de Centro de Artes Visuais e Exposição

Trabalho final de graduação apresentado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como requisito para a obtenção do título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo, orientado pela Prof^a Dr^a Lúcia Tone Ferreira Hidaka.

Thaminy Letícia Leão de Oliveira

Maceió, 2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária Myrtes Vieira do Nascimento CRB4/1680

O48r

Oliveira, Thaminy Letícia Leão de

Reabilitação do Trapiche Segundo: proposta de centro de artes visuais e exposição. / Thaminy Letícia Leão de Oliveira - 2024.
64 f.; il.

Monografia de Graduação em Arquitetura e Urbanismo (Trabalho de conclusão de curso) – Universidade Federal de Alagoas, Campus Ac. Simões. Maceió, 2024.

Orientação: Dra. Lúcia Tone Ferreira Hidaka

Inclui bibliografia

1. Patrimônio histórico. 2. Revitalização urbana. 3. Maceió.
I. Título

CDU: 727

Universidade Federal de Alagoas
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Curso de Arquitetura e Urbanismo

Reabilitação do Trapiche Segundo: Proposta de Centro de Artes Visuais e Exposição

Thaminy Letícia Leão de Oliveira

Trabalho final de graduação apresentado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como requisito para a obtenção do título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo, orientado pela Profª Drª Lúcia Tone Ferreira Hidaka.

Documento assinado digitalmente
LUCIA TONE FERREIRA HIDAKA
Data: 09/12/2024 12:14:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª Drª Lúcia Tone Ferreira Hidaka
Orientadora - Universidade Federal de Alagoas

Banca examinadora

Documento assinado digitalmente
MANUELLA MARIANNA CARVALHO RODRIGUES
Data: 02/12/2024 15:11:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Manuella Marianna C. Rodrigues de Andrade
Examinadora Interna - Universidade Federal de Alagoas

Documento assinado digitalmente
ADRIANA GUIMARAES DUARTE
Data: 03/12/2024 11:08:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Adriana Guimarães Duarte
Examinadora Interna - Universidade Federal de Alagoas

Documento assinado digitalmente
SELMA PATRICIA BANDEIRA MENDES COSTA
Data: 06/12/2024 12:56:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Ma Selma Patrícia Bandeira Mendes Costa
Examinadora Externa

Maceió, 2023

Agradecimentos

Gostaria de iniciar agradecendo à minha professora e orientadora, Lúcia Hidaka, e também à minha professora e amiga, Manuella Andrade, pela compreensão, carinho e paciência.. Sem vocês, certamente não teria chegado até aqui da mesma forma.

À minha família, à minha mãe, minha maior apoiadora ao longo dessa jornada, ao meu pai, aos meus queridos avós, à minha irmã Julia, à minha madrastra Karine e à minha prima Mariana. Vocês estiveram sempre presentes nos momentos de distração e cheios de incentivos.

Por fim, agradeço aos meus grandes amigos que estiveram ao meu lado durante toda a minha trajetória na UFAL, desde a Engenharia até a Arquitetura. Vocês tornaram cada dia da minha vida mais feliz e mais fácil. Um agradecimento muito especial à Sarah, Isa, Piter, Fred, Kan, Larissa e Mari, por cada apoio nos momentos mais difíceis, por toda companhia, escuta, carinho e risadas compartilhadas. Amo todos vocês.

Por último, agradeço a mim mesma por nunca desistir, mesmo diante das muitas dificuldades, incertezas e inseguranças no decorrer deste longo caminho. Chegar ao fim desta jornada é uma das minhas maiores conquistas e fonte de grande felicidade.

Resumo

Este trabalho propõe a reabilitação do Trapiche Segundo, um edifício situado no bairro histórico de Jaraguá, em Maceió. O bairro, rico em história desde os primórdios de Alagoas e da formação de Maceió no século XVIII, enfrenta desafios significativos de conservação de seu patrimônio urbano. O Trapiche Segundo, atualmente em estado de ruína, simboliza a deterioração de muitos dos edifícios históricos da região, refletindo décadas de negligência e falta de manutenção adequada. Neste contexto, o estudo propõe a transformação do Trapiche Segundo em um Centro de Artes Visuais e Exposições, visando não apenas a restauração física do edifício, mas também a revitalização cultural e social. A escolha por artes visuais como fotografia, escultura e pintura se justifica pela carência de espaços dedicados a essas disciplinas em Maceió, bem como pela necessidade de oferecer à comunidade local um ambiente propício à criação e à fruição artística. O projeto se fundamenta em diretrizes de reabilitação urbana e legislação específica para o bairro, aproveitando incentivos fiscais para iniciativas culturais como parte de uma estratégia mais ampla de desenvolvimento sustentável e preservação do patrimônio histórico. A implementação deste projeto não apenas visa recuperar um espaço degradado, mas também contribuir para a revitalização econômica e social de Jaraguá, reafirmando sua importância como centro histórico e cultural da cidade.

Palavras-chave: reabilitação, patrimônio histórico, centro de artes visuais, revitalização urbana, Maceió, Jaraguá.

Abstract

This study proposes the rehabilitation of Trapiche Segundo, a building located in the historic neighborhood of Jaraguá, in Maceió. The neighborhood, rich in history since the early days of Alagoas and the formation of Maceió in the 18th century, faces significant challenges in conserving its urban heritage. Trapiche Segundo, currently in a state of ruin, symbolizes the deterioration of many historical buildings in the region, reflecting decades of neglect and inadequate maintenance. In this context, the study proposes the transformation of Trapiche Segundo into a Center for Visual Arts and Exhibitions, aiming not only to physically restore the building but also to revitalize it culturally and socially. The choice of visual arts such as photography, sculpture, and painting is justified by the lack of dedicated spaces for these disciplines in Maceió, as well as the need to provide the local community with an environment conducive to artistic creation and enjoyment. The project is based on urban rehabilitation guidelines and specific legislation for the neighborhood, leveraging fiscal incentives for cultural initiatives as part of a broader strategy for sustainable development and preservation of historical heritage. The implementation of this project aims not only to recover a degraded space but also to contribute to the economic and social revitalization of Jaraguá, reaffirming its importance as a historic and cultural center of the city.

Keywords: rehabilitation, historical heritage, visual arts center, urban revitalization, Maceió, Jaraguá.

Lista de Figuras

Imagem 01 - Mapas de Alagoas, Maceió, o bairro de Jaraguá com o terreno e entorno.	9
Imagem 02 - (a) vista aérea do trapiche (b) fachada do trapiche.	10
Imagem 03 - Rua da Alfândega (sem data).	14
Imagem 04 - Planta da povoação de Jaraguá, 1832.	15
Imagem 05 - Planta da povoação de Jaraguá, 1841.	15
Imagem 06 - (a) e (b) Ponte de Desembarque (c) e (d) Vista dos Trapiches (sem data).	16
Imagem 07 - Localização dos Trapiches e seus pontilhões em 1932.	17
Imagem 08 - Mapa de tombamento Jaraguá.	19
Imagem 09 - Mapa ZEP 01/ Jaraguá.	22
Imagem 10 - Trapiche Novo.	23
Imagem 11 - Trapiche Jaraguá (sem data).	23
Imagem 12 - Trapiche Segundo.	23
Imagem 13 - Rua Sá e Albuquerque/ 1988.	24
Imagem 14 - Mapa A: Jaraguá em 1932; Mapa B: Jaraguá em 1980; Mapas C e D a direita são os respectivos anos sobrepostos com mapa atual (2024).	25
Imagem 15 (a) e (b) - Casa de Shows Vox (2011).	26
Imagens 16 (a) e (b) - Faculdade FAN.	26
Imagens 17 (a) e (b) - Armazém sendo utilizado de entrada para evento (2023).	26
Imagens 18 - Vista superior do terreno (2023).	27
Imagens 19 (a) e (b) - Fachada Sá e Albuquerque (2023/2011).	28
Imagens 20 (a, b e c) - Detalhes fachada Sá e Albuquerque.	28
Imagens 21 (a, b, c, d, e, f) - Patologias presentes nas paredes remanescentes.	30
Imagens 22 (a, b, c e d) - Patologias presentes nas paredes remanescentes.	31
Imagens 23 (a) e (b) - Pisos existentes.	31
Imagem 24 - Fluxograma de um Ateliê de Cerâmica.	35
Imagem 25 - Forno Elétrico.	36
Imagem 26 - Torno.	36
Imagens 27 (a, b, c e d) - Estação das Artes, em Fortaleza.	40
Imagens 28 (a) e (b) - Colégio do Santuário do Caraça.	41
Imagem 29 - Vista interna de área aberta com respeito a aberturas preexistentes.	43
Imagem 30 - Fachada da Av. Cícero Toledo.	43
Imagem 31 - Imagem aérea Trapiche Segundo (2023).	43
Imagem 32 - Ateliê de cerâmica.	44
Imagem 33 - Vista ateliês.	44
Imagem 34 - Fachada proposta.	46
Imagem 35 - Demolir e construir.	46
Imagem 36 - Fluxos e setorização.	47
Imagem 37 - Entrada lateral aberta.	48
Imagem 38 - Café.	48
Imagem 39 - Espaço para exposições.	49
Imagem 40 - Vista interna ateliê de cerâmica e coberta.	49
Imagem 41 - Casa das Pérgolas Deslizantes.	50
Imagem 42 - Pérgolas móveis no Centro de Artes e Exposições (a) completamente fechada (b) opção de abertura	50
Imagem 43 - Exemplos de padrões dos tijolos usados em projeto.	51
Imagem 44 - Ateliê de Cerâmica.	52
Imagem 45 - Pátio externo/ateliê de Cerâmica.	52
Imagem 46 - Ateliê de Pintura.	53
Imagem 47 - Ateliê de Marcenaria.	53
Imagem 48 - Ateliê de Fotografia.	53

S U M Á R I O

1	INTRODUÇÃO	8
2	O BAIRRO E O TRAPICHE	13
	1.História do bairro e dos trapiches	14
	2.Zona Especial de Preservação e legislações	20
	3.Caracterização do objeto de estudo	23
3	PROPOSTA DE CENTRO DE ARTES VISUAIS E EXPOSIÇÃO TRAPICHE SEGUNDO	32
	1.O novo uso: centro de artes visuais	33
	2.O novo uso: centro de exposição	40
	3.Princípios projetuais e projeto de intervenção	41
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
5	REFERÊNCIAS	61



*“A ruína é o elemento propositor e instigador do início do processo de reabilitação do edifício e permite que o passado seja compartilhado no presente.”
(DINIZ, 2014, p. 2)*

1 | I N T R O D U Ç Ã O

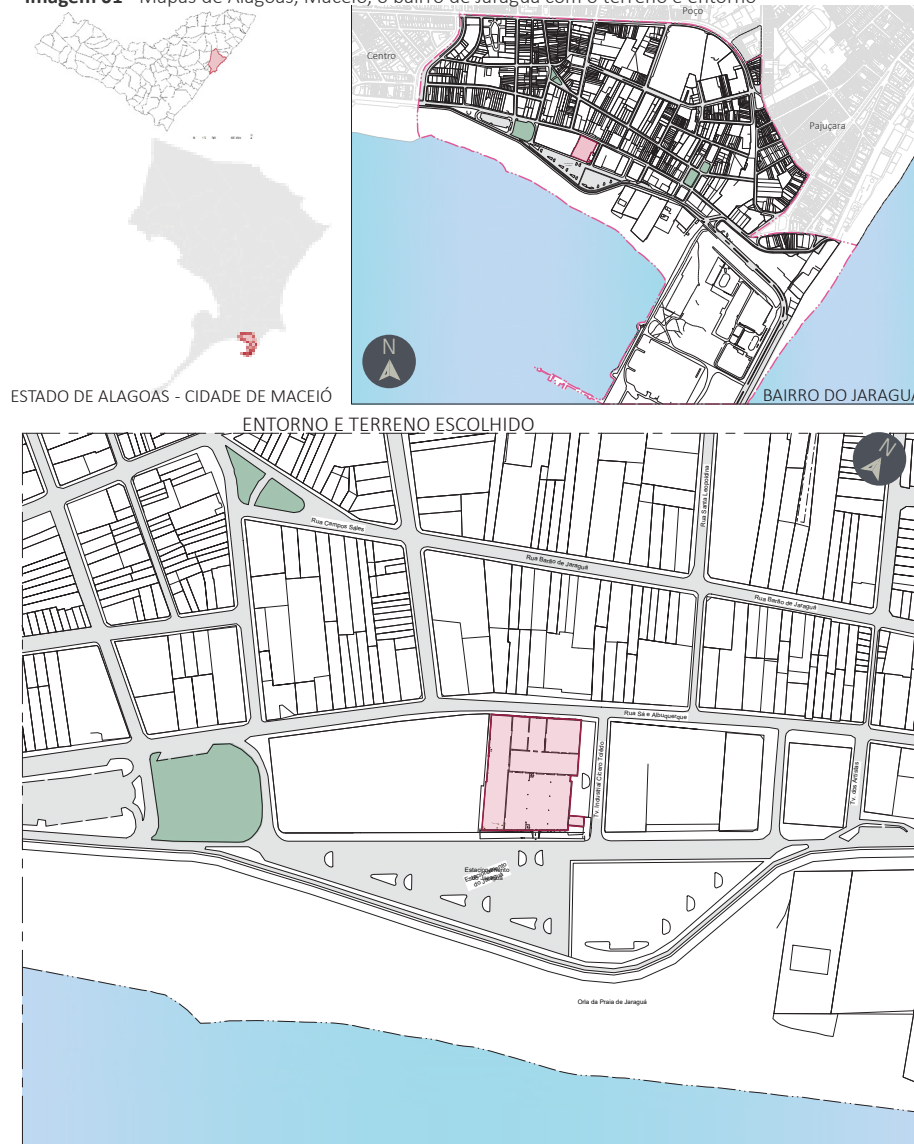


O presente trabalho trata do estudo de um antigo edifício situado no **bairro de Jaraguá** em Maceió (imagem 01), um centro histórico e zona portuária que carrega grande parte da história do início de Alagoas e do surgimento da cidade de Maceió por volta do início do século XVIII, de acordo com Pedrosa (1998). O bairro teve seu auge e sua decadência que são refletidos em seus edifícios e monumentos, não diferente de diversos centros históricos pelo mundo. **Muitos de seus marcos, praças e edifícios se tornaram vazios, danificados por décadas de descaso.** Atualmente, a preservação e reabilitação dessas áreas urbanas têm sido assuntos amplamente discutidos, sendo necessário atribuir novos usos e significados a estes edifícios.

O Jaraguá, apesar de passar pela longa fase de decadência, houveram também, inúmeras tentativas de resgate de seus espaços nos períodos de 1984 e 2006, entre outros. Hoje, o bairro tem incentivo da cultura e turismo, seja através de eventos culturais, festejos ou incentivos fiscais para iniciativas privadas. **Devido à sua história significativa, o bairro é tombado como Patrimônio Histórico em nível estadual** em grande parte de seu perímetro, no entanto, apenas o tombamento não garante sua preservação.

Sem processos adequados de requalificação, que atribuam novos significados aos edifícios, eles gradualmente perdem suas características históricas devido ao desgaste natural, como a deterioração da cobertura e das estruturas que garantem sua estabilidade. É daí que surge a necessidade de tratar do tema e das possíveis formas de trazer o bairro de volta à sua vitalidade. No contexto atual, o bairro está passando por mais uma **tentativa de revitalização**, tanto através de ações governamentais quanto por iniciativas privadas, que incentivam os novos usos dos edifícios em decadência.

Imagem 01 - Mapas de Alagoas, Maceió, o bairro de Jaraguá com o terreno e entorno



Fonte: autora

Assim, se apresenta o **Trapiche Segundo**, que pode ser considerado um **vazio por ser um ambiente que perdeu toda a estrutura de cobertura, possuindo apenas sua caixa mural**, além disso, é um espaço subutilizado, pois grande parte serve apenas como depósito de entulhos. Fica localizado no Jaraguá, entre a rua Sá e Albuquerque e o Estacionamento do Jaraguá.

No trapiche restam apenas as paredes internas e a fachada da Rua Sá e Albuquerque que estão pouco conservadas. O terreno parece se dividir em dois pois, a fachada voltada para o estacionamento do Jaraguá sofreu inúmeras modificações ao longo do tempo, para abrigar em metade do espaço uma casa de shows, uma Faculdade de Administração e Negócios (FAN), entre outros. Ao pesquisar sobre o uso do terreno, descobriu-se que a instituição de ensino possuía planos para o local, que foi alugado por um período de 10 anos, visando a construção de um moderno edifício de três andares como extensão de seu espaço.

Aqui se vê necessário novamente ressaltar a **necessidade da existência e aplicação das normas de conservação do espaço histórico**. As novas construções devem ter maior liberdade construtiva levando em consideração as diversas formas e materiais atuais que podem ser utilizados, mas o ponto principal é impedir a descaracterização do ambiente onde está inserido. Como no caso dessa instituição que utilizou do prédio com fins de criar um edifício de três andares, mesmo que o uso não ocorresse dentro do perímetro do monumento histórico (definido por lei), ainda entra em conflito com seu entorno.

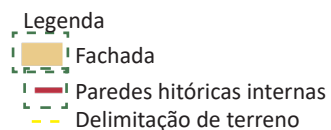


Imagem 02 - (a) vista aérea do trapiche (b) fachada do trapiche



Fonte: Autora

Para o estudo do local escolhido foi necessário o entendimento do seu estado atual, visto que no local restam apenas a base de sua estrutura. Não só não existe mais cobertura, como não há nenhum indício de como ela já foi, além das inclinações das paredes, também é possível diferenciar alguns blocos de construções mais recentes que se encontram em estado de abandono. Após a análise do terreno e maior embasamento teórico, **considerou-se como uma ruína.**

A ruína vem sendo definida de diversas formas dentro da arquitetura e do campo do restauro, Rodrigues (2017) trás a ruína como **“o estado físico de conservação de um bem arquitetônico”**, tanto ela como Vieira-de-Araujo (2022) que compara teorias de Rodrigues (2017) com estudiosos italianos como Gianluigi De Martino (*Rovine e ruderi: conservazione e progetto*), utilizam duas tipologias para definir as ruínas de naturezas diversas que são: **históricas ou ruínas do tempo**, representando literalmente o resultado da passagem de tempo sobre elas, **ruínas do incidente**, quando foram resultados de eventos traumáticos e Rodrigues acrescenta a isso outra tipologia que mais se identifica com a situação do Trapiche Segundo, **ruínas da incúria** que é resultado da “inação total”, onde até o reconhecimento do valor cultural a edificação esteve íntegra, mas mesmo assim se deteriora lentamente com o passar do tempo, com a falta de manutenção e uso contínuo.

A aparência é mais um aspecto que representa um estágio em que o edifício já não apresenta suas defesas como cobertura, portas e janelas. Já se perderam pisos e paredes o que certamente enfraqueceu a estrutura do mesmo. Embora testemunho muitas vezes de centenas de anos este não sobreviverá indefinidamente sem medidas de proteção. (Meneguello, 2008) e passa a ser o ponto de partida para o projeto. (Diniz, 2014, p. 3)

Diversos termos são utilizados na literatura para descrever projetos de intervenções em imóveis históricos, dentre eles se destacam o restauro, a requalificação, reabilitação e revitalização. Embora pareçam similares, cada terminação contextualiza uma ação diferente de trabalho. Se guiando pela Carta de Lisboa (1995), temos a especificidade de cada uma:

Reabilitação de um edifício: Obras que têm por fim a recuperação e beneficiação de uma construção, resolvendo as anomalias construtivas, funcionais, higiênicas e de segurança acumuladas ao longo dos anos, procedendo a uma modernização que melhore o seu desempenho até próximo dos atuais níveis de exigência.

Restauro de um edifício: Obras especializadas, que têm por fim a conservação e consolidação de uma construção, assim como a preservação ou reposição da totalidade ou de parte da sua concepção original ou correspondente aos momentos mais significativos da sua história.

Requalificação urbana: Aplica-se sobretudo a locais funcionais da “habitação”; tratam-se de operações destinadas a tornar a dar uma atividade adaptada a esse local e no contexto actual.

Revitalização urbana: Engloba operações destinadas a relançar a vida económica e social de uma parte da cidade em decadência. Esta noção, próxima da reabilitação urbana, aplica-se a todas as zonas da cidade sem ou com identidade e características marcadas.

Sendo assim, o presente trabalho busca realizar a **reabilitação do Trapiche Segundo**, criando um centro de Artes que proporcione o aprendizado de artes visuais de forma democrática e acessível para toda a população. Para este projeto foi escolhido o uso do termo **reabilitação** por que, está sendo feita a reabilitação do Trapiche Segundo ao retomar sua funcionalidade dando usos adaptados ao contexto mais atual e cultural do bairro e sanando os danos que serão identificados.

A prefeitura de Maceió instituiu uma política de incentivos fiscais, que inclui incentivos para uso cultural, eventos e arte. Portanto, foi pensado em criar uma escola de artes no local, concentrando-se especificamente no ensino de três artes visuais: fotografia, escultura e pintura. Essa proposta se justifica pela escassez de cursos e escolas fixas que oferecem essas disciplinas na cidade, bem como pela necessidade de espaços expositivos que atendam tanto à escola quanto aos artistas locais.

Dadas as problemáticas apresentadas, o presente trabalho se desenvolve apresentando o Trapiche Segundo, localizado na Rua Sá e Albuquerque, no bairro do Jaraguá, em Maceió, sua história e de onde está inserido e seu estado atual. Para enfim, apresentar-se o projeto de **Reabilitação do Armazém Segundo: Proposta de Centro de Artes Visuais e Exposições**, transformando-o em um ambiente integrador para o ensino das artes visuais, incluindo fotografia, pintura e escultura, além de oferecer um espaço para exposições e um café.

O trabalho se divide em quatro capítulos, iniciando com esta introdução, seguida por uma explicação mais detalhada sobre o bairro, sua história com foco nos trapiches, explica a legislação aplicada para o bairro e a caracterização do Trapiche Segundo e seu estado atual. O segundo capítulo trata sobre o centro de artes, trazendo as necessidades específicas para cada tipo de arte escolhidas para serem ensinadas, o programa de necessidades para o centro de exposições e finalizando com os princípios projetuais utilizados para nortear a proposta de anteprojeto. Finalizando com as considerações finais.

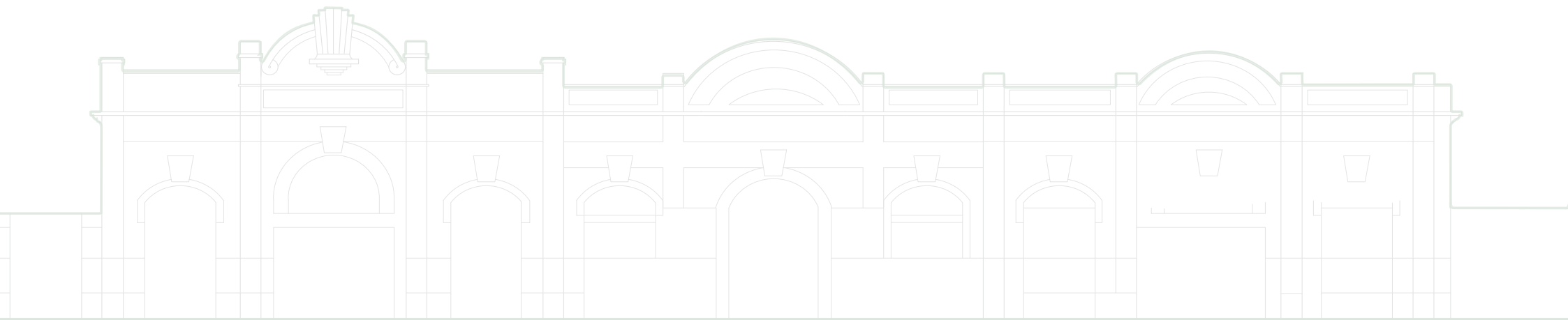
Objetivo geral:

O objetivo geral deste trabalho é desenvolver um anteprojeto de reabilitação do Trapiche Segundo, transformando-o em um local de aprendizado, exposições e comercialização de fotografia, pintura e escultura no bairro do Jaraguá em Maceió, AL.

Objetivos específicos:

1. Analisar o local escolhido, para compreender suas características e identificar as condicionantes presentes nas legislações, que impactam na elaboração do projeto.
2. Caracterizar as artes visuais (espaço x atividade), entendendo as necessidades espaciais para cada ambiente a ser projetado.
3. Definir os princípios e as diretrizes do projeto.

2| O BAIRRO E O TRAPICHE



2.1 História do Bairro e dos Trapiches

O bairro do Jaraguá surge a partir de sua localização privilegiada, junto à costa com a existência de um ancoradouro e uma vila de pescadores em meados do **século XVIII** e passa a se desenvolver junto com a cidade, a antiga Vila de Maceió, de acordo com Pedrosa (1998) ao analisar um mapa feito em 1803 por José Fernandes Portugal, desenhando a costa do Jaraguá junto com instruções para ancoragem no porto natural, edificações existentes na época. Das edificações destacadas pode-se ver um forte no começo da costa, um Armazém Real e a Igreja de Maceió e mais oito edificações não identificadas no bairro, como pode ser visto na imagem 5.

Jaraguá cresce devido a importância do seu porto, suas características geográficas originais de ancoradouro natural facilitaram o comércio portuário e o consequente progresso do mesmo. O bairro foi cenário do desenvolvimento social, econômico e cultural na formação da cidade de Maceió, sendo hoje mantedor de grande parte da arquitetura histórica preservada do período do nascimento da cidade. (Pace, 2018, p. 40).

O Porto do Jaraguá progrediu e atingiu seu auge no século XIX, **beneficiado por sua localização estratégica e capacidade para abrigar uma considerável frota de navios**. Essa vantagem impulsionou o crescimento e a prosperidade da indústria açucareira na antiga província, consolidando-o como um ponto vital para o escoamento da produção. Logo, tornou-se o porto comercial oficial e despertou maior interesse para o comércio no local, se tornando uma rota importante para o transporte de mercadorias variadas, incluindo algodão, tabaco e outros produtos, para diferentes estados.

A atividade portuária não apenas estimulou a economia, mas também intensificou o desenvolvimento da vila, resultando em um

notável crescimento econômico e aumento na movimentação de pessoas. Essas mudanças tiveram um impacto tão significativo que culminaram na **transferência da capital** da antiga Santa Maria Madalena do Sul (atual Marechal Deodoro) para Maceió, em 1839. Esse deslocamento de poder refletiu a importância crescente da área influenciada pelo Porto.

[.....] Descreveria o bairro do Jaraguá como um bairro que alavancou todo progresso de Alagoas, que fez surgir a própria capital, na verdade, Jaraguá precede a capital, até porque, o porto é um porto natural, nós temos um porto com o nome de Jaraguá que é um nome indígena que ninguém nunca tirou [...] (Sr. Benedito Amorim, 2015, entrevista transcrita) (Silva, 2016, p. 69).

Imagem 03 - Rua da Alfândega (sem data).



Fonte: Arquivo Público de Alagoas

O avanço comercial nesse período passou a atrair a burguesia, que viu na região uma oportunidade para residir e estabelecer negócios. Esse aumento de pessoas demandou uma expansão da infraestrutura no bairro, a fim de acomodar essa nova população que começou a se estabelecer. De acordo com Costa (2001), conforme citado por Pace (2018), foi durante a primeira metade do século XIX que as primeiras casas sobrados começaram a surgir, indicando a chegada da burguesia que buscava habitar a área. Ainda assim, o que predominava eram as lojas e estabelecimentos comerciais de configuração horizontal, caracterizados por duas ou três portas de entrada e um interior repleto de mercadorias. Esse padrão era especialmente notável na atual rua Sá e Albuquerque, que se destacava como um importante eixo comercial da região.

Como cita Pedrosa (1998), nesse mapa 40 anos após o primeiro, já é perceptível a evolução da vila para o bairro de Jaraguá, **paralelos à costa já podem se observar diversas construções que ele trata como armazéns e trapiches, Alfândega, casas comerciais e outros.** Ainda não é visível a grande quantidade de pontes ou trapiches que existiram posteriormente ligando os armazéns ao mar. Pedrosa também pontua a mudança dos fluxos que esses trapiches trazem, onde antes o acesso maior se dava nas fachadas viradas para a praia, após a construção deles a antiga Rua da Alfândega passa a ser mais utilizada.

Portanto, na segunda metade do século XIX, com a Revolução Industrial impulsionando o setor comercial, houve um **aumento da quantidade de armazéns e trapiches no bairro.** Essas estruturas desempenharam um papel importante ao realizar o armazenamento das mercadorias que chegavam ao Porto do Jaraguá, justamente como o foco deste estudo.

Imagem 04 - Planta da povoação de Jaraguá, 1832.



Fonte: PEDROSA, 1998.

Imagem 05 - Planta da povoação de Jaraguá, 1841.



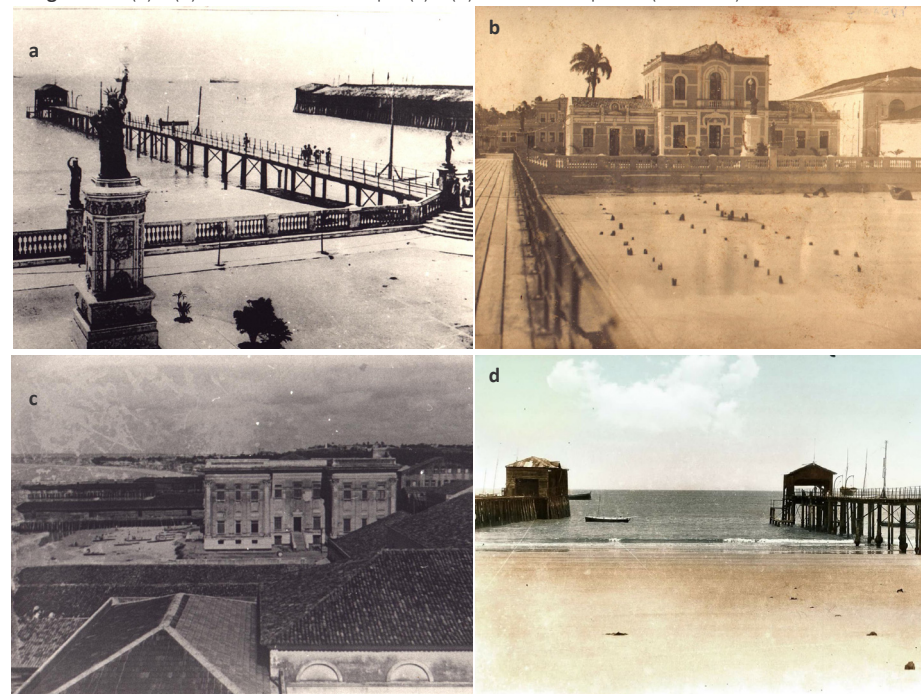
Fonte: PEDROSA, 1998.

Os trapiches, geralmente eram denominados como as **extensas plataformas de madeira que se projetavam vários metros para dentro do estuário**, desempenhando um papel fundamental no suporte e na facilitação do embarque e desembarque tanto de cargas quanto de pessoas. Enquanto isso, os armazéns representavam os espaços designados para receber e conservar as mercadorias, algumas literaturas, como Pedrosa utilizam o nome de trapiche para descrever ambos os usos, sendo explicado o por que do nome Trapiche Segundo ao espaço considerado como armazém.

Segundo Pedrosa até registros de 1869 existiam 4 trapiches (pontes), os primeiros, que eram em ordem o Trapiche “Velho” destacado na planta de Mornay, seguido do “Novo”, Trapiche Faustino e possivelmente o Trapiche Segundo. Durante o século XX, especificamente entre os anos de 1897 e 1932, o bairro do Jaraguá abrigou, em média, 10 trapiches/armazéns. Entre os trapiches mais notáveis estavam o Trapiche Novo, o Trapiche Jaraguá, o Trapiche Pullman, o Trapiche Great Western, o Trapiche Faustino e o foco deste estudo, o Trapiche Segundo.

Estrategicamente posicionados ao longo da Rua Sá e Albuquerque, antiga Rua da Alfândega, esses trapiches estavam distribuídos paralelamente à costa do bairro, em suas pontes estendendo-se desde os armazéns até o mar. Essa disposição permitia uma conexão direta entre as instalações de armazenamento e as embarcações, facilitando o processo de carga e descarga, além de contribuir para a dinâmica comercial do bairro e sua conexão com o comércio marítimo.

Imagens 06 - (a) e (b) Ponte de Desembarque (c) e (d) Vista dos Trapiches (sem data).



Fonte: Acervo fotográfico do MISA

Os trapiches foram criados para minimizar os prejuízos dos donos de armazéns, pois até então os escravos tinham que adentrar o mar a pé levando e trazendo sacas e mercadorias na cabeça (Altavila,1988; Ataíde, 2015). A entrada constante no mar fazia com que muitos ficassem doentes e morressem. A partir dessa necessidade de evitar prejuízo com a morte de escravos, durante a primeira década do século XIX foi construído o primeiro trapiche em Jaraguá. Documentos comprovam que o proprietário e solicitante foi o português José Antônio Aguiar (Altavila,1988; Ataíde, 2015; apud Vasconcelos H.; Fiorin E. 2020 p. 8).

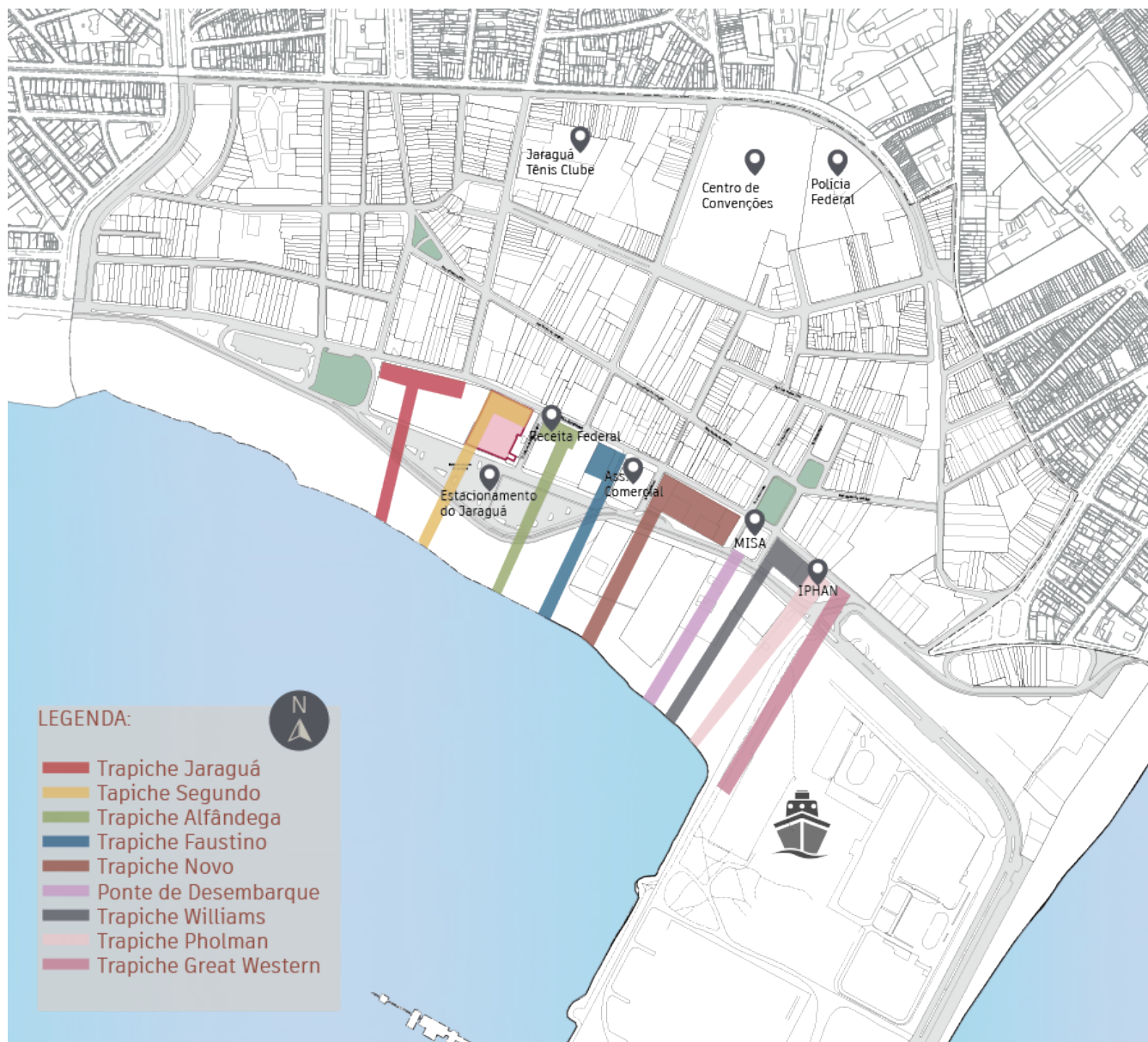


Imagem 07 - Localização dos Trapiches e seus pontilhões em 1932.

Fonte: PEDROSA, 1998 *apud* BITENCOURT, 2017 *apud* NASCIMENTO, 2018 (adaptada pela autora)

Sob uma perspectiva sanitária, o bairro era extremamente insalubre devido às suas atividades de pesca, sua proximidade com o mar e à ausência de infraestrutura de saneamento. Pedrosa cita Craveiro Costa, ao falar sobre o ambiente do bairro nessa época “Segundo Craveiro Costa, o ar era viciado, o solo poluído e a situação das sarjetas simplesmente imoral, podendo-se imaginar o que acontecia no Jaraguá portuário”. Essa situação do bairro acarretou na proliferação de diversas doenças existentes na época.

Esse cenário desfavorável culminou na **construção do cais do porto em 1940**, marcando o início de um contínuo processo de decadência para a região. Os armazéns e trapiches, antes tão importantes, gradualmente cederam espaço para as modernas instalações portuárias projetadas para o armazenamento dos produtos destinados ao embarque.

Entre as décadas de 1940 e 1970, a implantação do cais terminal açucareiro e do cais comercial desativou a função dos trapiches (armazéns) situados em quase todo o bairro Jaraguá, sobretudo na rua Sá e Albuquerque. Nem todos os proprietários dos armazéns (trapiches) conseguiram manter suas instalações funcionando ou adaptá-las a novas funcionalidades. (Silva, 2021, p. 14)

Por ser um local portuário, predominantemente frequentado por marinheiros e comerciantes, cria-se um ambiente não propício à moradia familiar e sim apenas a passagem, com presença de um perfil mais masculino devido às atividades realizadas ali, o que contribuiu para que estabelecimentos como bordéis, bares e casas de entretenimento noturno se instalassem no bairro. Esse perfil mais “libertino” que o bairro apresenta faz com que as famílias que viviam na localidade se retirem e é onde se inicia o primeiro período de decadência do Jaraguá.

Esse **êxodo do bairro** contribui para o abandono de inúmeros casarões e imóveis existentes e a falta de uso e novas ocupações geraram a degradação e arruinamento dessas construções que hoje se mantêm bastante danificadas. Assim se configura o armazém a ser estudado, sua estrutura continua quase intacta, com fachada pouco preservada, mas muitas de suas paredes internas e sua coberta já se arruinaram.

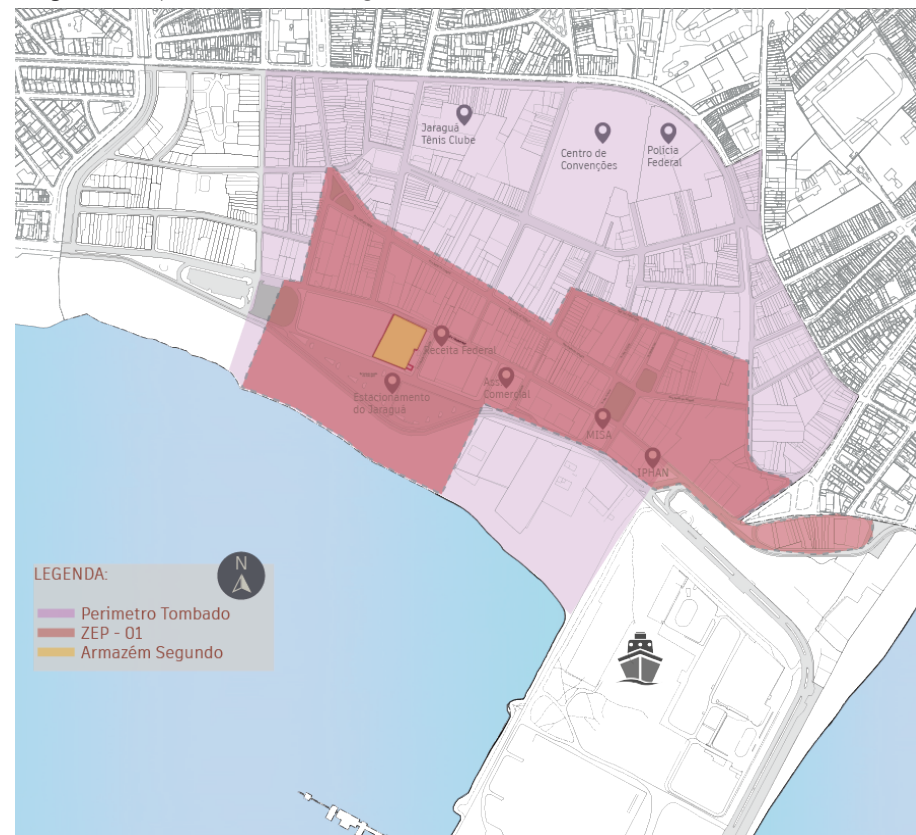
Dessa forma, se deu início ao primeiro de vários ciclos que o bairro sofreu, seu **primeiro processo de decadência** tem como marco a construção do porto, que ocorreu de forma lenta como um conjunto de todos os inconvenientes tratados acima. De acordo com Silva (2021), os sinais mais claros de arruinamento do bairro aparecem por volta de 1969 com o fechamento dos bordéis e 1980, com a queda da exportação do algodão, onde surgem maiores problemas de infraestrutura, transportes e serviços. As ruas apresentam más condições para o tráfego e ocorre o declínio econômico das famílias que se torna visível na falta de conservação das edificações.

Mesmo com as políticas de preservação do território e imóveis do Jaraguá, o bairro segue em decadência e em torno de 1993 onde a prefeitura em conjunto com o governo criam o programa do Ministério do Turismo, que visava o incentivo ao turismo. De acordo com Nascimento (2018), o programa visava a capitalização de recursos para futuros investimentos e para nortear a reestruturação a prefeitura cria o **Plano Setorial de Desenvolvimento Urbano** (1995), que “caracteriza a área de intervenção e estabelece diretrizes e parâmetros, visando a maximização das suas potencialidades enquanto local de interesse cultural, histórico e turístico em Maceió”.

Em 1996 as intervenções foram executadas com coordenação da UEM (Unidade Executora Municipal), Nascimento (2018) pontua que algumas das principais ações realizadas estão a restauração dos monumentos MISA e Associação Comercial, alguns dos mais marcantes, e o melhoramento na infraestrutura do bairro, como a pavimentação de vias, enterramento da rede elétrica na Rua Sá e Albuquerque e a recuperação dos espaços públicos como a Praça mais famosa do bairro, a Dois Leões. Trazendo também **incentivos fiscais** na lei nº 4.545 de 1996, dando novos usos ao Jaraguá que mesmo com as periódicas repetições de decadência e resgate do bairro sempre perduram, como o uso noturno com bares e casas de show. Sendo inclusive posteriormente um dos usos para o terreno em estudo, onde a casa de show Vox se estabelece nos fundos do Trapiche Segundo.

Após todos os incentivos realizados, o bairro segue por **mais um período de abandono** e de mudança de usos, trazendo a volta do comércio e uso diurno e descendência dos estabelecimentos noturnos. Esse movimento é cíclico no bairro do Jaraguá e desde 2016 até o momento atual (2024) o bairro vem passando por períodos de incentivos e movimentos culturais e os estímulos a vida noturna com bares, restaurantes e eventos privados ou em parceria com a prefeitura de Maceió, os usos diurnos com comércio, bancos e órgãos governamentais também seguem principalmente nas proximidades da Rua Sá e Albuquerque, principal rua do bairro.

Imagem 08 - Mapa de tombamento Jaraguá.



Fonte: Autora

2.2 Zona Especial de Preservação e Legislações

Com a primeira fase de decadência e abandono do Jaraguá e seu reconhecimento e importância como testemunho histórico, como cita Silva (2016) e para evitar maior degradação e perdas materiais no bairro, ele passa por um processo de **tombamento em nível estadual em 1984**, tendo parte de seu perímetro considerado como patrimônio, visando proteger seus bens (monumentos, edifícios e praças) e seu valor histórico e cultural, como pode-se observar na imagem 08.

No ano de 2006, o bairro do Jaraguá se tornou parte da **Zona Especial de Preservação Cultural 01 (ZEP-01)**, com objetivo de garantir a integridade física, autenticidade e perenidade ao longo do tempo, salvaguardando o patrimônio ali presente. Essa especificação se encontra nos marcos legais estabelecidos para o município de Maceió, especificamente na Lei nº 4.545. Também encontramos orientações para esta área patrimonial no Decreto nº 6.061 (lei de tombamento estadual de 1984), no Plano Diretor e Código Municipal de Urbanismo e Edificações.

O Plano Diretor estabelece diretrizes amplas para implementações e melhorias nas Zonas Especiais de Preservação (ZEPs) em geral, incluindo um plano de gestão específico para a ZEP do Jaraguá. Ele determina a **necessidade de incentivos no setor cultural**, que possa ser integrado ao turismo e a realização de eventos noturnos, tornando o bairro mais movimentado durante todo o dia.

De acordo com o Artigo 50 do Código de Obras, a Zona Especial de Preservação Cultural 1 (ZEP-1 Jaraguá) abrange o sítio histórico de Jaraguá, com um foco central na conservação das características comerciais, residenciais, de lazer, culturais e turísticas da área. Neste artigo, os setores de preservação são definidos e o bairro é subdividido em duas regiões distintas (ver imagem 09). Essas divisões compreendem

O **Setor de Preservação Rigorosa 1 (SPR-1)**, que é mais restritivo, visando a proteção de uma morfologia e tipologia arquitetônica de valor histórico a serem mantidos. O terreno selecionado para este estudo está situado nesse setor. Além dele, há o Setor de Preservação de Entorno, que abrange a área circundante.

É importante ressaltar que a legislação **define parte do perímetro do Trapiche Segundo como monumento e imóvel histórico**, que, devido à sua relevância cultural e histórica, está sujeito a regulamentações mais rigorosas em relação a possíveis intervenções. Apenas metade do Trapiche Segundo, é considerada monumento histórico (imagem 09), a que apresenta sua fachada voltada para a Rua Sá e Albuquerque, estando sujeito a medidas de proteção e preservação. Em tais cenários, entra em vigor o Decreto Estadual nº 6.061, que estabelece diretrizes específicas para a conservação e gestão desses patrimônios culturais.

Essas legislações irão estabelecer regulamentos e diretrizes para proteger e orientar o desenvolvimento do bairro, através de indicações para a conservação e preservação dos bens culturais presentes ali, incluindo restrições sobre demolição, reformas e uso do espaço. Além disso, podem abordar aspectos relacionados à arquitetura, planejamento urbano, paisagismo, uso do solo, entre outros. Após minuciosa leitura de cada legislação citada acima, foram demarcados os pontos principais que influenciam nas escolhas projetuais a serem tomadas.

Quadro 01 - Legislações Vigentes

PLANO DIRETOR	CODIGO DE URBANISMO	
Coeficiente de aproveitamento mínimo de 0,5 e básico de 2.	Não é necessário o recuo frontal	PARA SERVIÇOS DE EDUCAÇÃO
	Taxa de ocupação mínima de 20% e máxima de 80%	Taxa de ocupação máxima é de 50%, podendo ser 80% se: utilizada exclusivamente como área de recreação
	Altura máxima: 8m	Salas com pé-direito mínimo de 2,5 m
	Coeficiente de aproveitamento de 2	Área mínima de 30 m ²
		Os corredores terão largura mínima de 2 m

DECRETO nº 6.061 - Lei de tombamento estadual

Serão efetuadas obras de conservação e/ou restauração no caso de se tratarem de edifícios antigos preservados;

Os edifícios de reconhecido valor arquitetônico não poderão sofrer modificações que alterem seu aspecto externo, podendo, entretanto sofrê-las internamente;

Volumetria, escala, esquadrias e a relação de cheios e vazios para a abertura de vãos, coerentes com as construções do entorno;

Os limites de gabarito deverão respeitar os já existentes no entorno, não podendo, ultrapassar o máximo de 8,00m;

Coberta em telhas cerâmicas, tipo canal com a inclinação mínima de 25%;

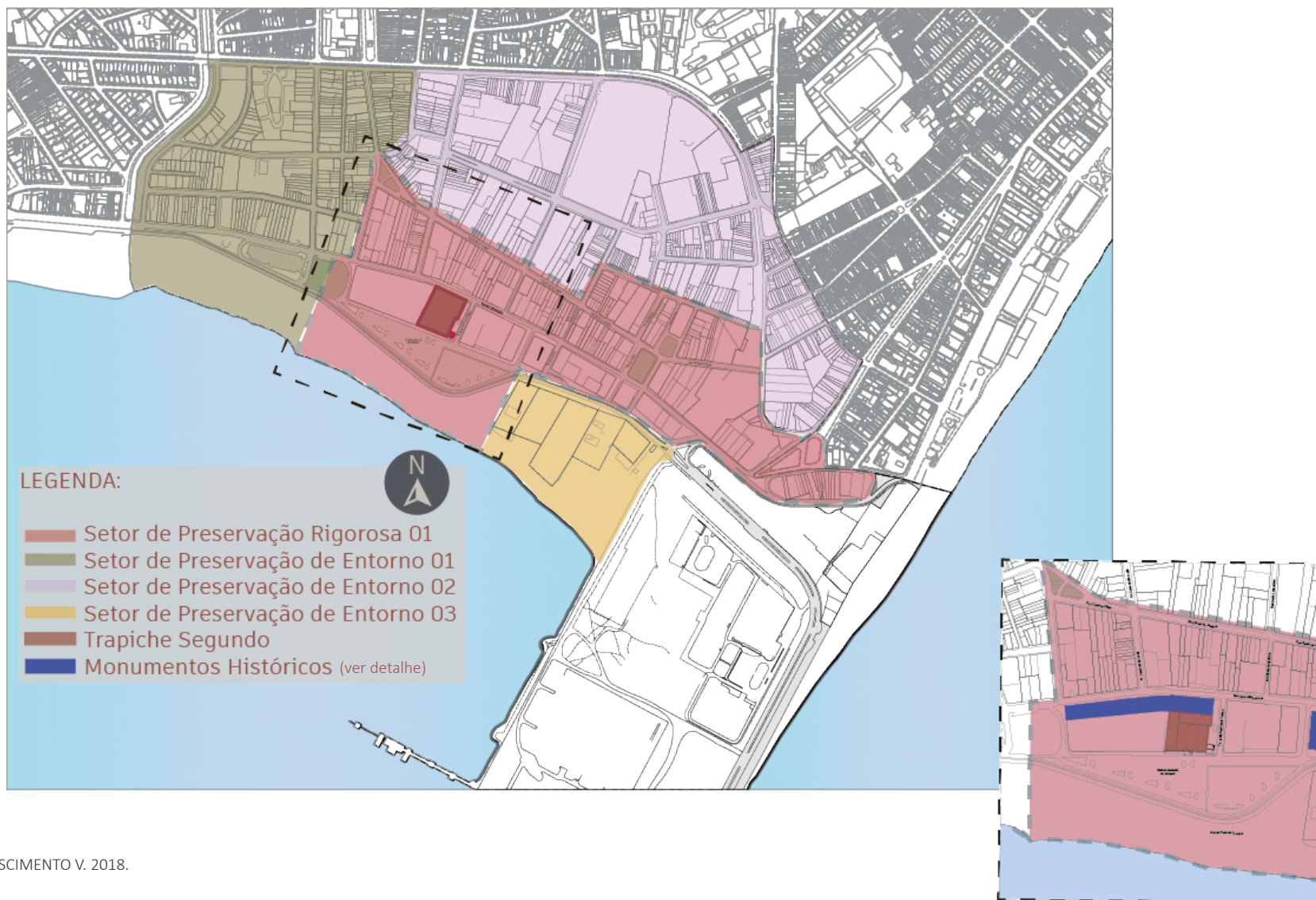
material das fachadas em alvenaria com massa corrida não devendo jamais ser pintada com tinta a óleo;

A construção não poderá em nenhum caso imitar ou copiar edificações antigas, devendo retratar a sua época de construção;

As instalações de águas pluviais, esgotos e tubulações de um modo geral serão sempre embutidas nas paredes

Fonte: Autora

Imagem 09 - Mapa ZEP 01/ Jaraguá.



Fonte: NASCIMENTO V. 2018.

2.3 Caracterização do Objeto de Estudo

Imagina-se que o trapiche segundo tenha sido erguido na segunda metade do século XIX, contemporâneo à construção do trapiche Jaraguá. **Não foram encontradas imagens correspondentes ao edifício que retratasse seu estado e suas características posteriores**, tanto de sua fachada quanto de configurações internas. Sendo assim, supõe-se que a fachada atual já tenha sofrido reformas, onde a primeira possuiria características da arquitetura neoclássica, prevalente no Brasil na época de sua construção, por volta do século XIX. Características como os frontões triangulares e óculos centrais que persistem no interior e na lateral do edifício denotam uma simetria típica desse estilo. Como exemplo, para ilustrar esses elementos em trapiches contemporâneos a ele, temos o Trapiche Jaraguá e o Trapiche da Alfândega.

Uma análise da fachada atual ressalta contrastes em relação aos elementos internos destacados e dos outros armazéns contemporâneos a ele, sugerindo que modificações foram realizadas. Essas alterações possivelmente coincidem com a mudança do uso inicial do edifício, quando passa a não ter mais função de trapiche ou armazém. Os arcos que delimitam as aberturas, por exemplo, permanecem na fachada, entretanto, eles coexistem com **ornamentos decorativos na platibanda, com a tipografia aplicada à nomenclatura na fachada, entre outros elementos ornamentais**. Essa composição híbrida contribui para caracterizar a fachada como pertencente ao estilo **Art déco**, como pode-se identificar:

“O Art Déco se caracteriza: “[Pelo] viés decorativo, expresso na volumetria em composições marcadas pelo jogo de formas geométricas e/ou em fachadas com elementos de conotação ornamental. [...] pela adoção de regras referentes a simetria, axialidade e hierarquia na distribuição da planta, na organização das fachadas e na disposição da

volumetria, expressas, entre outras coisas, na ênfase conferida ao acesso principal [...] Em parte das construções, as referências à linguagem déco se restringiam a detalhes ornamentais aplicados em fachadas de construções cujas características – em termos de implantação, tecnologia, volumetria e organização dos espaços – seguiam modelos atrelados ao passado”. Guimarães, Correia (2010, p. 14-15)

Imagem 10 - Trapiche Novo.



Fonte: História de Alagoas, 2016.

Imagem 11 - Trapiche Jaraguá (sem data).



Fonte: Vasconcelos H. e Fiorin E.

Imagem 12 - Trapiche Segundo.



Fonte: Autora, 2023.

Para compreender melhor as transformações ocorridas no espaço ao longo do tempo, foram realizadas pesquisas em busca de imagens que retratassem não somente o trapiche, mas também seu entorno, a fim de obter uma visão mais completa da evolução do edifício. Porém não foram encontrados registros fotográficos que mostrassem o Trapiche Segundo ou que ele tenha sido identificado, mesmo imaginando que ele possa ter sofrido modificações significativas. Sendo assim, o estudo foi feito através da análise de sua caixa mural, seu entorno, os padrões observados em alguns dos armazéns contemporâneos a ele e mapas encontrados desde a época de sua construção.

Foi estabelecida a ideia de que, seguindo o padrão observado em alguns dos armazéns e trapiches do bairro, o trapiche possuía também uma entrada lateral que se dava pelo frontão identificado anteriormente na lateral direita, onde se abre para a parte mais estreita do terreno. Essa configuração é evidenciada em estruturas como as dos trapiches Novo e Jaraguá, conforme ilustrado nas imagens 10 e 11. Sendo assim, essa lateral poderia ser um beco como a atual Travessa Industrial Cícero Tolêdo, situada na lateral esquerda do terreno, ou o espaço por onde se estendia o trapiche levando até o mar, para o transporte de mercadorias.

Para fortalecer essa constatação, inicialmente foram tiradas as medidas dessa lateral (atualmente fechada) do terreno e da travessa situada à esquerda, ambas têm largura em torno de 9,50m. Também foram utilizados dois mapas datados de 1932 e 1980 que destaca os trapiches, para comparar foi sobreposto a esse mapa outro que mostra sua configuração atual, concluindo que no mais antigo essa lateral do terreno parece mesmo ser aberta. Também foi encontrada uma fotografia de ângulo lateral que mostra parte do edifício, datada de 1988, que pode ser observado a existência de postes entrando nesta parcela do terreno, ao mesmo tempo que pode também ser visto um portão fechando o espaço que não acompanha o mesmo ritmo da fachada

preexistente. Sendo assim, supõe-se que em um período anterior essa parte realmente pode ter sido aberta e fechada posteriormente.

Atualmente, o terreno pertence à Comerciantes de Maceió que trabalham com montagem de eventos e o que ocasionou em duas situações: alugueis temporários de parte do terreno (a parte coberta com abertura para o estacionamento do Jaraguá) para a realização de eventos privados e em parceria com a prefeitura de Maceió, e a parte que está sendo utilizada para o projeto neste trabalho é utilizada como depósito para entulhos.

Imagem 13 - Rua Sá e Albuquerque/ 1988



Fonte: Acervo fotográfico do MISA modificada pela autora

Imagem 14 - Mapa A: Jaraguá em 1932; Mapa B: Jaraguá em 1980; Mapas C e D a direita são os respectivos anos sobrepostos com mapa atual (2024).



Fonte: PIBIC- trapiches de Maceió adaptado por autora.

Anteriormente o terreno pertencia a Associação dos Plantadores de Cana do Estado de Alagoas (Asplana), ele era alugado e passou por diversas transformações. Por registros fotográficos imagens 15, sabe-se que em meados de 2009 o armazém era propriedade do Grupo João Lyra, já no período de 2011 a aproximadamente 2014, abrigou a casa de shows Vox, principalmente utilizando a parte fechada e coberta do galpão, com fachada voltada para o Estacionamento do Jaraguá. Ainda em 2014, foi alugado para a Faculdade de Administração e Negócios (FAN), que ocupou o espaço até meados de 2018. (Pedrosa, 1998) caracterizou o estado do Trapiche Segundo em seu livro como, “O Trapiche Segundo tem os fundos também alterados por estranho desenho circulante e feio.”

Durante essas ocupações, tanto a casa de shows Vox quanto a FAN e a parte de eventos atual, **utilizaram principalmente a área do terreno voltada para o estacionamento do Jaraguá**, onde existe uma estrutura mais recente de coberta. Ainda assim, foram realizadas modificações nos espaços externos, como a construção de dois conjuntos de banheiros e uma sala cujo uso não foi identificado. Atualmente, essas salas funcionam também como depósito de entulhos.

Atualmente, os eventos realizados no local ocorrem tanto no estacionamento do Jaraguá, na fachada posterior do edifício, quanto na própria área interna coberta que se encontra nos fundos do espaço. Nota-se que essas atividades não requerem melhorias significativas, essa utilização oculta a região mais deteriorada do armazém, que infelizmente se transformou em depósito de entulhos, enquanto as áreas centrais e posteriores são mais utilizadas.

Imagens 15 (a) e (b) - Casa de Shows Vox (2011)



Fonte: Google Maps

Imagens 16 (a) e (b) - Faculdade FAN



Fonte: FAN; Google Maps

Imagens 17 (a) e (b)- Armazém sendo utilizado de entrada para evento (2023)



Fonte: Autora



ÁREA COBERTA

Área com estrutura de coberta, utilizada para eventos, com entrada pela fachada no estacionamento do Jaraguá. Possui espaço de banheiros improvisados, estrutura de coberta apoiada em vigas metálicas com ambiente amplo em seu interior.

12 CONSTRUÇÕES RECENTES

Áreas construídas posteriormente, contando com espaço de banheiros desativados e uma sala, ambas destelhadas, servindo atualmente como depósitos de entulhos que se acumulam pelo terreno.



1



2

5 ÁREA DE APOIO E MORADIA:

Outra construção posterior adaptada para moradia do caseiro que cuida do local.

34 ÁREA DE APOIO PARA EVENTOS:

Os espaços 3 e 4, como mostra a imagem são utilizados como área aberta e de encaminhamento para o galpão ao fundo onde acontecem shows e eventos, também com ligação ao estacionamento do Jaraguá.



3



4

Com esses usos, **a integridade histórica e física do edifício acaba por não ser preservada.** Devido a essas atividades, a fachada do edifício foi pobremente pintada, resultando na cobertura parcial de grafites presentes em várias fachadas históricas da Rua Sá e Albuquerque, como mostram as imagens 19 e 20.

Além disso, é visível na fachada o descolamento do reboco, que foi coberto com uma camada leve de tinta branca ou possivelmente cal, conforme evidenciado pelas imagens. Elas também revelam demarcações das aberturas originais na fachada. Ao compará-las com uma imagem de 2011, é perceptível que as janelas de madeira foram removidas e o espaço foi fechado com alvenaria, posteriormente pintada de branco. No entanto, esse fechamento em alvenaria também apresenta sinais de deterioração estrutural, sugerindo que todas as aberturas foram vedadas utilizando o mesmo método e, conseqüentemente, também sofreram perda de partes ao longo do tempo. Apesar de uma pintura recente, a fachada já apresenta pichações e, sem a devida manutenção ou sinal de uso do terreno, é provável que essas pichações continuem ocorrendo.

No interior do armazém, há três paredes espessas de tijolo aparente que datam do início da construção e delimitam a área designada como monumento histórico. Essas paredes dividem o espaço perpendicularmente, e uma quarta parede, paralela à fachada, as conecta. Essas divisões criam ambientes distintos, conforme destacado na planta baixa. No entanto, devido às ocupações posteriores, provavelmente pela FAN, foram adicionados blocos mais recentes no espaço destinado a baterias de banheiros, assim como um ambiente com janelas circulares que agora funciona como depósito de entulhos.

Imagens 19 (a) e (b) - Detalhes fachada Sá e Albuquerque (2023/2011)

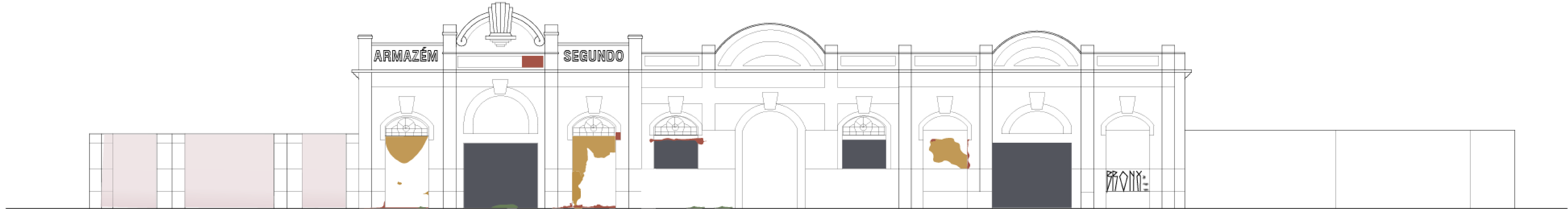


Fonte: Autora/ Google Maps

Imagens 20 (a, b e c) - Detalhes fachada Sá e Albuquerque



Fonte: Autora



Levantamento de danos - Fachada
Sem escala

- GRAFITE COBERTO COM PINTURA INCOMPLETA EM TINTA BRANCA
- DESAGREGAÇÃO DO REBOCO
- VEGETAÇÃO RASTEIRA
- DESAGREGAÇÃO DE PARTE DA ALVENARIA
- TAMPONAMENTO DAS ABERTURAS
- ✕

PIXAÇÃO

PROJETO ARQUITETÔNICO DE UNIDADE UNIFAMILIAR LOCALIZADO NO CONDOMÍNIO RESIDENCIAL ACQUAVILLE EM PARIPUEIRA-AL	
Autora: Thainny Letícia Leão de Oliveira	Data: JULHO/2024
Disciplina: TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO (TFG)	Escala: 1/100
Endereço: R. S8 e Albuquerque, 189 - Joragubá	Prancha:
Conteúdo: Levantamento de danos - Fachada	

Estacionamento do Jaraguá

Tv. Industrial Cícero Tolêdo

Avenida Sá e Albuquerque

Imagens 21 (a, b, c, d, e, f) - Patologias presentes nas paredes remanescentes



PAREDES HISTÓRICAS QUE SERÃO MANTIDAS

VEGETAÇÃO QUE SERÁ MANTIDA

As paredes preexistentes (caixa mural) da construção possuem algumas patologias visíveis, em sua maioria existe o desagregamento completo do reboco, poucos são os espaços em que ainda resta, com isso, os tijolos acabam sofrendo com desgaste e também perda de partes. Pela inexistência de cobertura, as paredes também apresentam patologias decorrentes da umidade, pois sofrem com chuva e outras intempéries, isso causa o aparecimento de manchas, lodo e fissuras.

Quanto aos pisos no interior do armazém, eles variam de acordo com os espaços delimitados pelas paredes. Na entrada principal e na parte de trás do edifício histórico, é possível deduzir que o piso foi uma adição mais recente, pois é intertravado, um tipo de piso relativamente novo para a época em que o armazém foi construído, e encontra-se em bom estado de conservação. Nos blocos laterais, o piso é de concreto e está em péssimo estado, apresentando vegetação em seu entorno. Na entrada lateral esquerda, quase todo o piso é de terra, com grande quantidade de vegetação e até mesmo o uso de parte do espaço como abrigo para um cavalo.

Por fim, pode-se resumir que o local encontra-se em um estado de preservação bastante precário, onde a importância com a preservação da matéria que resta é quase inexistente. Assim, apesar de ser utilizado esporadicamente o processo de arruinamento continua a acontecer. Sendo as paredes internas e sua fachada os únicos resquícios do que um dia esse trapiche já foi e que a cada dia mais um pouco se perde ali.

Imagens 22 (a, b, c e d) - Patologias presentes nas paredes remanescentes

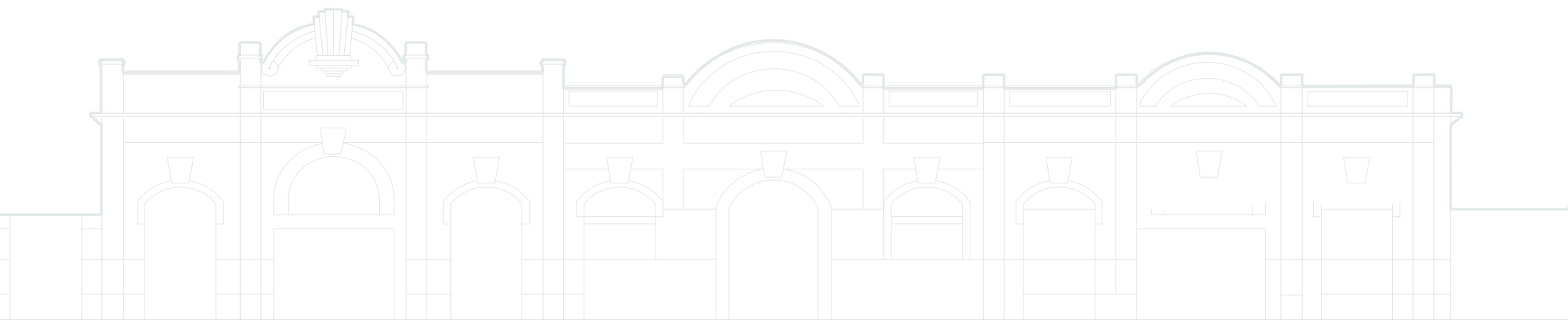


Imagens 23 (a) e (b) - Pisos existentes



Fonte: Autora

3|PROPOSTA DE CENTRO DE ARTES VISUAIS E EXPOSIÇÃO TRAPICHE SEGUNDO



3.1 O Novo Uso: Centro de Artes Visuais

O novo uso desse espaço será caracterizado pela **criação de ambientes interligados**, cada um destinado a um tipo específico de arte, **áreas para exposições**. Além disso, serão incorporados **espaços de suporte essenciais** para o funcionamento eficaz da instituição de ensino, juntamente com um **café** que servirá tanto aos alunos e colaboradores como ao público externo interessado em visitar o espaço ou participar de eventos realizados ali.

O conceito central envolve a concepção de áreas que se complementam, proporcionando um fluxo contínuo entre os espaços dedicados a diferentes formas de expressão artística. Os ateliês tem seu espaço isolados na parte posterior, integrando-se com o jardim já existente e áreas livres que permitem os usos variados do local

Além disso, o espaço de exposições será projetado em todos os espaços abertos, proporcionando uma atmosfera que valoriza a criatividade e estimula a contemplação. Os espaços de apoio estarão estrategicamente posicionados para garantir que a instituição de ensino funcione sem contratempos, oferecendo as instalações necessárias para a gestão administrativa, armazenamento de materiais e o fornecimento de um ambiente estimulante para aprendizado e criação.

O café, por sua vez, desempenha um papel duplo, atendendo às necessidades tanto internas quanto externas. Ele se tornará um ponto de encontro acolhedor para estudantes e funcionários, bem como um atrativo para o público externo, seja para relaxar após apreciar as exposições ou para participar de eventos culturais e artísticos que ocorrerão no local.

Em resumo, para suprir as necessidades de uma escola de artes visuais, em geral, deve-se criar espaços como:

- | Salas de aula e estúdios de arte para a necessidade de cada classe, sendo amplos e bem iluminados para aulas teóricas e práticas, com mesas de trabalho e equipamentos adequados para cada tipo.
- | Espaços de exposição, fechados ou ao ar livre, para expor trabalhos dos alunos, professores e artistas convidados, com sistemas adequados de iluminação e paredes preparadas para exposições
- | Espaços designados para armazenar materiais de arte, equipamentos, ferramentas, suprimentos, entre outros.
- | Área externa para atividades ao ar livre relacionadas à arte, como sessões de pintura e esculturas ao ar livre, fotografia e áreas de descanso.
- | Área para administração da escola.
- | Café que atende os alunos e o público externo.
- | Bateria de banheiros, tanto para o café quanto para a escola.
- | Espaço destinado a entrada de serviço e materiais.

O objetivo também é **criar um ambiente autossustentável**, através da implementação de atividades âncora e complementares, além das atividades educacionais, o espaço contaria com uma série de ofertas adicionais. Isso inclui o café que estará aberto ao público em geral e há a consideração de utilizar o forno para queimar peças de argila, não apenas para os alunos dos cursos, mas também para a comunidade local, ampliando o alcance do espaço.

O plano também prevê a instauração de exposições permanentes e temporárias, oferecendo aos artistas uma plataforma para apresentar suas obras ao público. A inclusão da fotografia e a disponibilização de estúdios para locação também se adicionam a diversidade de atividades oferecidas, atendendo tanto a artistas quanto a entusiastas da fotografia. Por fim, a possibilidade de locação do espaço para eventos diversos abre um leque de oportunidades para a comunidade local e para aqueles que buscam um ambiente criativo e inspirador para eventos. Isso não apenas contribui para a viabilidade econômica do projeto, mas também cria uma atmosfera de interação e troca de conhecimento.

Usos âncora

Aulas de fotografia, escultura e pintura

Exposições de obras realizadas nos cursos oferecidos

Usos complementares

Café atendendo público externo

Aluguel dos espaços disponíveis para uso de artistas de fora:
Espaço de exposições
Estúdio de fotografia

Uso do forno para queima de peças de cerâmica para artistas de fora

3.1.1 A Arte Visual: Escultura

Para compreender as necessidades de um ateliê de escultura, foi essencial determinar os tipos de esculturas que seriam trabalhadas no espaço, levando em consideração a variedade de possibilidades e materiais envolvidos. Através de pesquisas, foram identificadas duas categorias principais de esculturas: **esculturas em madeira e cerâmica**. Com essa informação como base, foram analisados projetos específicos de ateliês para cada um desses tipos, considerando a espacialidade, materiais e equipamentos necessários para garantir um funcionamento eficaz.

Após a realização das pesquisas iniciais, mostrou-se necessária uma visita a campo para adquirir um entendimento mais prático e realista das demandas do projeto. Essa visita ocorreu no ateliê Casa Artífice, sob a orientação de João, filho do renomado artesão João das Alagoas, conhecido por suas esculturas em cerâmica na cidade de Capela. O ateliê oferece uma gama de cursos, incluindo desenho, pintura e, principalmente, esculturas em cerâmica.

Imagem 24 - Fluxograma de um Ateliê de Cerâmica



Fonte: Autora

Durante uma extensa conversa com João, foi possível obter uma compreensão abrangente do funcionamento do espaço e das necessidades essenciais. Ele compartilhou informações sobre sua arte e os métodos mais eficazes de trabalho. Com sua orientação, foi possível ter uma visão completa de como um ateliê de escultura opera. Essa interação permitiu estimar a quantidade de alunos, identificar as áreas de trabalho, armazenamento e equipamentos necessários. **Com base em todas as informações coletadas, foi elaborado o seguinte programa de necessidades:**

- | Mesas amplas medindo em média 2 metros de comprimento por 1,2 metros de largura, resistentes e espaçosas onde os estudantes possam trabalhar em suas esculturas.
- | Espaços de armazenamento para ferramentas de escultura, que permitam aos estudantes moldar e esculpir seus materiais adequadamente.
- | Espaços adequados para armazenar esculturas que não foram terminadas em apenas uma aula, podendo ser prateleiras ou armários.
- | Espaços para esculturas que estão prontas para serem queimadas.
- | Área molhada com pias para auxílio da moldagem de peças.
- | Área para tornos
- | Área para fornos
- | Área para estocagem e embalagem de peças finalizadas

Durante o diálogo com o professor João, um dos principais tópicos discutidos foi o processo de queima das esculturas cerâmicas, bem como as necessidades, tipos de fornos e sua localização apropriada. Segundo ele, existem **duas categorias de fornos: os de lenha e os elétricos**. Os fornos a lenha podem ser construídos de maneira mais acessível e com custos reduzidos, possibilitando alcançar altas temperaturas, dependendo de seu projeto e potência. Já os fornos elétricos são tidos como mais seguros e práticos de adquirir, apesar de serem mais caros. Ambas as variedades possuem dimensões e capacidades distintas, além de exigirem um ambiente bem ventilado com circulação de pessoas limitada, por questões de segurança.

Outro fator que pode impactar a produção e a quantidade de peças criadas durante as aulas é o **uso de tornos**, que são dispositivos que auxiliam na manipulação da argila. Embora seu uso acelere consideravelmente o processo de produção de esculturas, a sua operação não é intuitiva e requer supervisão profissional até que o aluno adquira proficiência no aparelho. Caso contrário, o procedimento pode tornar-se mais demorado. Ademais, o consumo de água e argila aumenta consideravelmente, tornando ideal que os tornos estejam próximos de pias e áreas facilmente higienizáveis.

Para determinar a quantidade necessária de fornos, é crucial levar em consideração o número de alunos por turma e o total de turmas em uma semana. Com base nessas informações, é possível estabelecer os dias da semana destinados às queimas. Se for necessário realizar queimas para indivíduos que não frequentam as aulas no local, não se faz essencial adquirir mais fornos. Basta aumentar a quantidade de queimas efetuadas em uma semana e designar um dia específico para essa finalidade. Dessa forma, evita-se a mistura de peças e os alunos podem participar ativamente do processo de abertura da queima e embalagem de suas criações.

Considerando uma média de 2 a 3 vezes de frequência semanal, com um máximo de 8 alunos por turma, obteríamos um total de 16 a 24 alunos semanalmente. No ateliê de João, ele atende até 20 alunos por semana, distribuídos em 2 turmas, utilizando um forno a gás de tamanho médio para realizar aproximadamente duas queimas por semana: uma para a fase de biscoito e outra para a fase de esmalte. A quantidade de queimas varia conforme a demanda e a produção dos alunos. Levando em consideração esses parâmetros e cálculos de alunos e peças produzidas, bem como o uso de tornos, conclui-se que o ideal seria dispor de dois fornos elétricos: um médio para esmalte e um grande para biscoito. Além disso, há a possibilidade de ter um pequeno forno a lenha para fins de demonstração e explicação do processo de queima durante os cursos.

Imagem 25 - Forno Elétrico



Fonte: Stecno

Imagem 26 - Torno



Foi necessário o entendimento técnico do uso dos fornos, sendo ele um ponto limitante no projeto do ateliê de cerâmica, por possuir dimensões já moduladas e condicionantes previstos por normas de segurança. Para maior embasamento foram utilizadas as recomendações do fabricante, que oferece três modelos de fornos com capacidades de 90, 195 e 280 litros. É fundamental observar que esses fornos requerem um espaçamento mínimo de 40 cm em relação a paredes, materiais inflamáveis ou outros fornos próximos. O ambiente deve ser cuidadosamente planejado, utilizando pisos, paredes e revestimentos à prova de fogo, além de garantir a circulação de ar adequada para dissipação de calor, ao mesmo tempo em que evita a exposição direta ao sol.

João também salientou a importância de ter bancadas e prateleiras próximas à área dos fornos, para auxiliar tanto na preparação e organização das peças antes da queima, quanto no armazenamento e embalagem das esculturas após a queima, quando estão prontas para serem entregues aos proprietários. Além de serem bem ventilados, os espaços destinados aos fornos não devem receber luz solar direta, assim como a área de preparo e armazenamento de peças não finalizadas, pois isso resultaria no ressecamento inadequado da argila.

Para as esculturas em madeira, foram estudados projetos com programas de necessidades similares ao pensado para o curso. Em um espaço que oferece cursos de escultura em marcenaria, é necessário considerar uma série de elementos e equipamentos para fornecer um ambiente adequado e funcional para os estudantes. Na marcenaria existem alguns instrumentos maiores e com necessidade de espaço de bancada mais extenso, também há a necessidade de área aberta para o uso de instrumentos como a serra e a lixa, que produzem muita poeira.

Em resumo, tem-se como programa para as esculturas em madeira:

- | Bancadas resistentes e espaçosas
- | Espaço de armazenamento para uma variedade de ferramentas de marcenaria, como serrotes, formões, plainas, serras, furadeiras, lixas e grampos.
- | Espaço de armazenamento para madeiras de diferentes tipos, espessuras e tamanhos.
- | Área aberta dedicada para preparar e limpar materiais de marcenaria, como áreas de corte, lixamento e colagem.
- | Área de secagem: Um local dedicado para a secagem de projetos de escultura concluídos, com prateleiras ou suportes adequados.

3.1.2 A Arte Visual: Pintura

Para os ambientes destinados às **aulas de pintura**, as necessidades e ferramentas empregadas são mais simples. É ideal que esses espaços sejam amplamente iluminados, garantindo a visualização precisa das obras e cores em desenvolvimento, além de serem adequadamente ventilados para lidar com possíveis odores intensos dos materiais de pintura. As atividades de pintura são realizadas geralmente em telas posicionadas sobre cavaletes, o que demanda espaço para sua estrutura, uma cadeira para o artista, o suporte para materiais e uma circulação desobstruída. No caso de pinturas de maiores dimensões, a tela pode ser esticada em superfícies como paredes ou mesas, demandando, portanto, locais adequados para esse propósito.

Também é necessário um local para o armazenamento de obras em andamento. Idealmente, as telas poderiam ser preservadas nos próprios cavaletes ou estendidas nas superfícies onde estavam sendo trabalhadas, mas com a rotatividade de alunos e aulas é ideal um local a parte com apoio para posicionar as telas molhadas para que os alunos deem continuidade em outra aula. Além disso, é necessário dispor de armários para a organização ordenada dos materiais de pintura. É recomendável que as tintas estejam expostas de maneira prática, facilitando o acesso dos alunos a uma variedade de cores.

Por fim, é fundamental a criação de um espaço de área molhada, destinada à preparação de tintas e lavatórios para pincéis e recipientes destinados à água ou solventes. Considerando essas necessidades essenciais, a configuração dos espaços de aula de pintura deverá priorizar a funcionalidade e o conforto dos alunos, a fim de promover uma experiência de aprendizado enriquecedora.

Em resumo, o programa básico para o ateliê de pintura:

- | Salas amplas que permitam tanto a disposição de cavaletes, quanto superfícies para pintura, como telas esticadas, painéis de madeira, acomodando diferentes projetos.
- | Área molhada para preparo e limpeza de materiais de pintura.
- | Espaços para armazenamento de materiais e obras em andamento.
- | Boa iluminação e ventilação.

3.1.3 A Arte Visual: Fotografia

Os espaços dedicados à **fotografia** também apresentam necessidades mais simples em comparação com outros tipos de artes. Eles podem ser ambientes abertos, bem iluminados e claros, sendo ideal possuir pelo menos uma parede branca limpa que será utilizada como fundo para as fotografias. Além disso, é importante contar com um espaço expositivo que possibilite a realização de aulas teóricas, assim como uma área de apoio para a produção de editoriais, incluindo vestiários para ambos os sexos.

Para otimizar o aprendizado, é essencial disponibilizar uma sala específica para a revelação das imagens produzidas durante os cursos, conhecida como “sala escura”. Essa sala deve ser completamente livre de luz natural, sem janelas, a fim de garantir as condições adequadas para o processo de revelação. Além disso, é fundamental equipar a sala com pias, mesas e bancadas de apoio para os instrumentos utilizados no processo de revelação. **Em resumo:**

- |Salas expositivas
- |Sala escura para revelação manual de fotografias
- |Estudios para fotos internas
- |Vestiário

Quadro 02 - Dimensionamento de Áreas

PELAS NORMAS: ÁREA TOTAL DO TERRENO: 2437,90m ² ÁREA CONSTRUTIVA: 3900m ²		
QUADRO DE DIMENSIONAMENTO		
ÁREA NECESSÁRIA PARA PINTURA	50 m ² de ateliê	50 m ²
ÁREA NECESSÁRIA PARA ESCULTURA		100 m ²
CERÂMICA	100m ² de ateliê e fornos	50 m ²
MARCENARIA	100 m ² de ateliê + área externa	50 m ²
ÁREA NECESSÁRIA PARA FOTOGRAFIA	100 m ² com espaços integrados	100 m ²
ÁREA NECESSÁRIA PARA CAFÉ	15 m ² para área de preparos + área de mesas	100 m ²
ÁREA NECESSÁRIA PARA EXPOSIÇÃO	média de 100m ²	100 m ²
ÁREA DE WC's	média de 30m ²	30 m ²
TOTAL		580 m ²

Fonte: Autora

3.2 O Novo Uso: Centro de Exposição

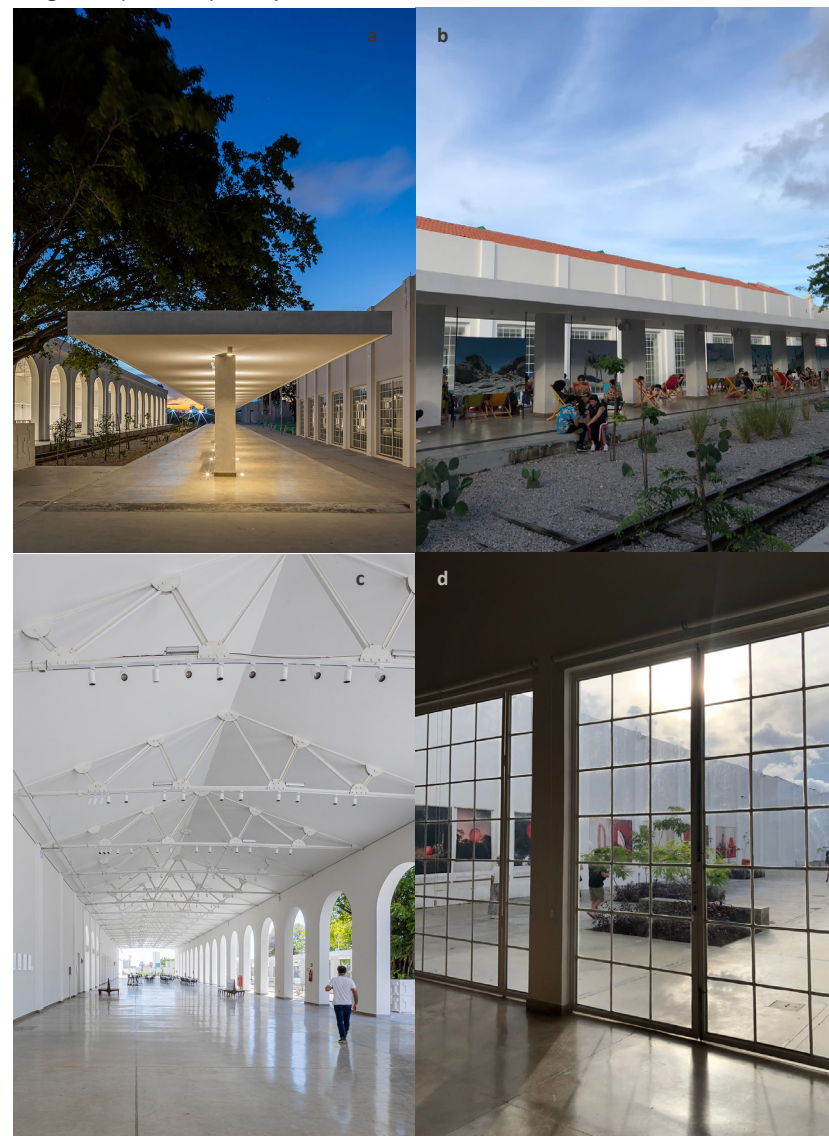
A necessidade de um espaço de exposições se tornou evidente ao longo de todas as pesquisas, demonstrando-se essencial e complementar ao centro de artes. Esse lugar deve atender tanto aos artistas que produzem suas obras no local quanto à exibição de peças permanentes e a realização de exposições externas. Considerando que a cidade possui poucas galerias e centros de exposição, e alguns deles não possuem a infraestrutura adequada, torna-se ainda mais relevante criar um ambiente que atenda a essas carências.

Foi pensado no espaço de exposições **abrangendo todas as áreas livres trabalhadas**, criando diversas possibilidades de uso do espaço. Por estar com foco em três tipos de arte, cada uma delas possui sua particularidade no momento de expor, sendo ideal que haja potencialidade para que essas diversas possibilidades sejam alcançadas.

A área de jardim que marca a entrada do Centro de Artes trás potencial para ser adaptada a exposições servindo inclusive como um convite para adentrar o espaço interno. Além das áreas abertas também foi estabelecido que parte do espaço expositivo precisa ser fechado, contemplando também necessidades de formas de expor as artes e características como a iluminação ideal, a possibilidade de estar ou não exposta diretamente ao sol, entre outras.

Para entender as necessidades dos espaços expositivos foi buscado projetos que trabalhem com ambientes integrados e diferentes formas de expor, além disso, literaturas que tratassem do tema. Assim surgiram exemplos como a recém revitalizada Estação das Artes, em Fortaleza, que trás em seu projeto as características tratadas acima.

Imagens 27 (a, b, c e d) - Estação das Artes, em Fortaleza



Fonte: Archdaily

Fonte: Autora

3.3 Princípios projetuais e projeto de intervenção

Para elaboração do projeto de renovação do Trapiche Segundo, foi essencial estabelecer embasamento teórico que possibilitasse uma compreensão do edifício que se encontra em estado de ruína, apesar de seus usos esporádicos. A postura projetual constitui-se na **concepção de uma nova estrutura edificada a partir da preservação dos fragmentos arquitetônicos remanescentes**, buscando no projeto o **respeito a preexistência**.

De acordo com as reflexões de Andrade apud (Arquitetura, Cidade e Projeto: Uma Construção Coletiva), ressalta-se a importância de preservar a ruína, simultaneamente integrando-a a uma nova construção que lhe proporcione valor e funcionalidade, ao mesmo tempo tentando não comprometer o valor histórico da matéria. Se fazendo necessário enfatizar que o propósito deste projeto **não se restringe à restauração**, ao contrário, o foco principal recai na construção de um novo significado e propósito, onde a intervenção realizada não será mínima, pois se trata de uma utilização contemporânea estabelecendo novos usos.

Em seu livro, Materialidade e Imaterialidade no patrimônio construído, Vieira-de-Araujo (ANO) cita Giovani Carbonara (2013), sobre a relação do preexistente com o contemporâneo onde o autor destaca que em qualquer das categorias de estudo (de análise para identificar o confronto entre novo e o antigo), é possível encontrar, a partir de soluções diversas, exemplos com capacidade de escutar a preexistência. Em resumo, é isso que se idealiza ao pensar o projeto a ser apresentado, **respeitando tanto suas novas necessidades como sua materialidade**.

Esse contexto de preservação pode ser observado em projetos como, o do Colégio do Santuário do Caraça, intervenção conduzida pelos arquitetos Rodrigo Meniconi e Maria Edwiges Leal, onde o que se permanece intacto nas ruínas da antiga construção são as

paredes de pedra que são conservadas e usadas como base para os novos elementos a serem criados ali. Tanto Baeta e Nery (2017) quanto Vieira-de-Araujo (2022) ressaltam o fato de o projeto respeitar a ruína e o espaço que está inserido.

Em Caraça se buscou “transformar o resultado em um novo objeto arquitetônico, respeitando os limites da parte mais íntegra da ruína”. Vieira-de-Araujo ressalta o respeito da nova criação com o entorno dizendo que “existe uma valorização da relação ruína e paisagem” e que o novo objeto só é perceptível ao se aproximar. E que por fim, é possível observar “uma série de intervenções em ruínas que não partem da premissa de uma situação não mais existente”, também, destacando para o projeto a ser realizado, “opta-se por uma ação projetual que se incorpora novos usos” e respeita a caixa mural remanescente ao mesmo tempo que se insere um novo volume.

Imagens 28 (a) e (b)- Colégio do Santuário do Caraça



Fonte: Baeta e Nery (2017).



Fonte: Santuário do Caraça.

Vieira-de-Araujo também trás os seguintes questionamentos: *“Pra que? O que? e Por que?”* pensando na matéria que ser conservada, pra quem queremos preservar? No caso deste projeto a preservação é pensada de acordo com a **memória efetiva da população** com relação não só a ruína trabalhada, como todo o conjunto no bairro onde se situa.

Neste contexto, conclui-se que **é importante que se preserve toda a caixa mural e principalmente a fachada** que se comunica diretamente com a população, o bairro e seu entorno imediato, com intuito de manter a memória e o a comunicação com o ambiente onde está inserida a ruína. Os vestígios remanescentes da estrutura atual não apenas representam o ponto de partida para o novo, mas também **constituem o princípio orientador do projeto**, com o propósito de consolidar e preservar a matéria histórica ali presente.

Ainda de acordo com Vieira-de-Araujo (ano), são ressaltados princípios básicos projetuais como posturas estabelecidas por teóricos italianos como Pane (2017) e Varagnoli (2010), destacando: “a mínima intervenção, distinguibilidade, compatibilidade, reversibilidade e respeito à autenticidade”. **Aqui são trabalhados a distinguibilidade, compatibilidade e o respeito a autenticidade como princípios norteadores de projeto.**

O respeito a autenticidade surge a partir do ideal de não apenas manter a caixa mural como **realizar o procedimento necessário de restauro de toda a estrutura**. Buscando a melhor forma de tratamento de suas partes, a partir de cada patologia identificada. O Manual de Conservação Preventiva para Edificações (1999) serviu como base para possíveis soluções, **ressaltando que estratégias de restauro específicas não serão detalhadas, mas são feitas orientações para a prevenção e execução, visto que esse não é o foco do projeto.**

Para os cenários apresentados com relação a situação atual da caixa mural, duas soluções se mostram necessárias, como explicam Kluppel e Santana (1999). Para as paredes próximas à vegetação, considerando que as árvores existentes serão mantidas, a manutenção constante da vegetação é recomendável. A poda deve ser frequente, mantendo a copa a uma distância mínima de 3 metros das paredes. Para a recuperação do tijolo aparente foi utilizada as recomendações estabelecidas no tratamento de pedras, para ela caso não esteja em processo de deterioração, sugere-se limpeza e remoção de elementos prejudiciais. Se houver deterioração, a consolidação prévia se faz necessária.

Quando a pedra apresentar perdas significativas, o preenchimento deve ser executado com pasta e cola, se necessário para fixar fragmentos. Considerando áreas com perdas mais extensas, o preenchimento é indicado para preservar a estabilidade, buscando evitar qualquer falsa replicação do original, mas sim evidenciar a ausência do material original. Também foi observado que houve descolamento do reboco em placas, resistindo apenas em poucas superfícies, isso ocorre devido a presença de sais, é recomendado no manual a identificação da fonte de umidade, e que seja refeito o reboco com regras específicas. Neste caso, se optou por não refazer e sim retirar o que resta de reboco e realizar o tratamento da parede de tijolo por igual.

Por fim, para garantir a conservação do tijolo e das paredes, recomenda-se que seja feita a proteção por películas superficiais que protejam a pedra contra a degradação proveniente da água por serem hidro-repelentes. Sendo necessária uma superfície limpa, com o mínimo de fissuras e materiais soltos. Kluppel e Santana (1999), dizem que, usam-se com bastante frequência as parafinas, a cera micro-cristalina, os produtos acrílicos e os silicones, por vezes misturados a fungicidas e bactericidas como proteção contra o ataque biológico.

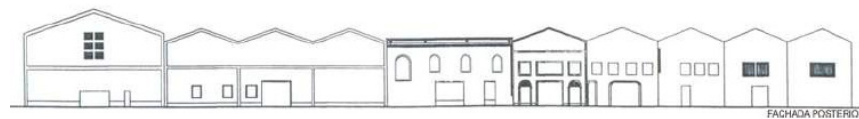
Imagem 29- Vista interna de área aberta com respeito a aberturas preexistentes.



Fonte: autora

O princípio de **compatibilidade** foi alcançado através da **relação do novo uso com a tipologia ainda existente no local e no entorno**, resgatando a forma do armazém (seu uso inicial) e como são as tipologias dos armazéns do bairro do Jaraguá (exemplo na imagem 30). A partir do estudo dessas construções foram revelados pé direitos altos, vãos livres, amplos e com cobertas de duas águas sustentadas por colunas, tesouras e seu madeiramento. Para o projeto, as cobertas com duas águas seguirão o padrão aonde ainda existem frontões, mantendo o grande pé direito.

Imagem 30- Fachada da Av. Cícero Toledo.



Fonte: PIBIC- trapiches de Maceió

Como pode ser observado na imagem 31, em seu lado direito (1) temos a caixa mural com pouca definição que não é o suficiente para que se distingua a tipologia préexistente. Já em sua lateral (2) tem-se a caixa mural completa e a presença da empena que nos leva a entender sua forma inicial. A mesma situação do primeiro espaço se repete no terceiro (3), que possui sua caixa mural, mas não tem definição de empena, no quarto espaço temos empena, porém não existe a caixa mural completa, mas ainda existe a marcação de onde passava a parede. **Essas situações foram utilizadas para criar a distinguibilidade no projeto onde foram aproveitadas as certezas e incertezas presentes ali para dar espaço ao novo.**

Sendo assim, onde não existem as definições de empenas, foram criados espaços abertos, vazios, com áreas de usos livres e diversos e jardins. **Trazendo essa distinção entre o contemporâneo e o a forma já conhecida com a repetição do padrão do armazém vista no bairro.**

Imagem 31- Imagem aérea Trapiche Segundo (2023).



Fonte: autora

O vão livre, uma das características dos armazéns, não se mantém pela necessidade de maiores divisões internas, que serão menos destacadas ao trazer espaços divididos por paredes mais baixas, ainda criando um senso de amplitude nos espaços. O telhado não será sustentado pelas paredes ou possuirá o madeiramento que era encontrado nas construções mais antigas, toda a sustentação será feita através de grandes vigas metálicas e colunas, tuilizando o máximo dos vãos como aberturas, cobógos e esquadrias.

O material mais utilizado no projeto foi o aço que aparece em suas esquadrias e vigas, por vencerem maiores vãos, resistente à corrosão ao longo do tempo, que é fundamental pela proximidade com o mar e à alta salinidade local. As vantagens mais conhecidas do aço incluem sua boa resistência e facilidade de montagem, também proporciona maior área útil e vãos mais amplos. Além disso são utilizados os tijolos aparentes em padrões diversos como cobogós. **Esses materiais em contraste com as espessas paredes de tijolo remanescentes trazem também a distinguibilidade buscada.**

Para traçar as colunas que sustentam toda a cobertura dos ateliês foi necessário traçar linhas de referências que se guiam pela parte mais acentuada das paredes preexistentes, pois como se tratam de paredes antigas elas não são alinhadas e possuem espessuras diferentes. O espaço que resta entre cada coluna de concreto e essas paredes serve para passagem mais escondida de tubulações e parte elétrica, já que é utilizado o mínimo de parede no projeto em si. As paredes só são colocadas, como mostrado nas imagens 32 e 33, onde possuem as bancadas e pias.

Imagem 32- Ateliê de cerâmica.



Fonte: autora

Imagem 33- Vista ateliês.



Fonte: autora

As áreas de jardim internas e na parte de livre circulação tem papel importante tanto pela escolha de **manter a vegetação existente**, como também guiar o usuário pelos caminhos que levam as aberturas e passagens preexistentes. Além disso, tanto na parte externa, com livre circulação quanto na parte interna, eles são delimitados por bancos, servindo como espaços para descanso, confraternização ou até como apoio caso os espaços abertos sejam utilizados também para aulas abertas ou exposições.

Busca-se, também, estabelecer maior **conexão entre o interno e o externo**, conferindo permeabilidade à nova estrutura e gerando uma sensação de pertencimento e um ambiente convidativo a quem está de fora. Isso se reflete através do **resgate das aberturas preexistentes na fachada principal**, bem como na abertura do terreno lateral, utilizando-as como esquadrias fixas com vidro e tela metálica para conferir maior segurança. Como mencionado anteriormente, imaginava-se que essa lateral já havia sido um caminho aberto, porém não se obteve uma comprovação, sendo assim será dado um novo uso por falta de confirmação do que já foi um dia.

Além disso, o objetivo é criar um **ambiente inclusivo** onde a aprendizagem e a apreciação das artes estejam ao alcance de todos, refletindo uma perspectiva sensível às demandas sociais contemporâneas. Portanto, o projeto será pensado para atender às necessidades de todos os públicos. Isso abrange desde a seleção de pisos até o dimensionamento dos espaços, a disposição das áreas de circulação e utilização de aprendizado em braile, com a premissa fundamental de garantir a participação plena e o aproveitamento das artes oferecidas por cada indivíduo.

Princípios Projetuais

1

Consolidar e restaurar a matéria histórica remanescente.

Ao manter a fachada e todas as paredes internas intactas e propor o devido processo de restauro a cada situação e patologia encontrada na matéria remanescente.

2

Distinguibilidade

Através materiais e formas construtivas que deixem claras as diferenças entre o novo e o antigo, com o uso do aço em tonalidade verde, o uso do tijolo aparente criando cobogós, piso de granilite e as poucas paredes que fecham os ambientes.

3

Compatibilidade

O resgate da forma do armazém adaptado as necessidades, usos atuais e estado mais recente da ruína.

Anteprojeto

Todos os tópicos comentados anteriormente se resumem na proposta de anteprojeto para a escola de artes visuais. O projeto, como dito, retoma a ideia da forma do armazém, incorporando a caixa mural e paredes preexistentes como parte do projeto em si. São criados três volumes que se escondem por trás da fachada da rua Sá e Albuquerque, realizando leves intervenções em sua fachada e respeitando o gabarito máximo de 8 metros. Na parte mais baixa da fachada se imagina que pelo ritmo das colunas, parte da altura de seu muro foi perdida, ali foi mimetizado com vigas metálicas a parte do muro que teria sido perdida, mantendo seu ritmo.

O projeto se baseou nas seguintes dimensões materiais existentes: em um terreno de 2437,9 m², onde não há nenhuma estrutura ou demarcação de coberta, apenas quatro paredes intactas e originais, das quais três apoiam a fachada da rua Sá e Albuquerque. Conforme estipulado pela legislação anteriormente mencionada, o máximo de aproveitamento do terreno é de 80%, o que resulta em um total de 1950,32 m² disponíveis para uso. Com um coeficiente de aproveitamento de 2, essa área total para construção se expande para 3900 m², considerando a possibilidade de um primeiro pavimento.

Imagem 34 - Fachada proposta.

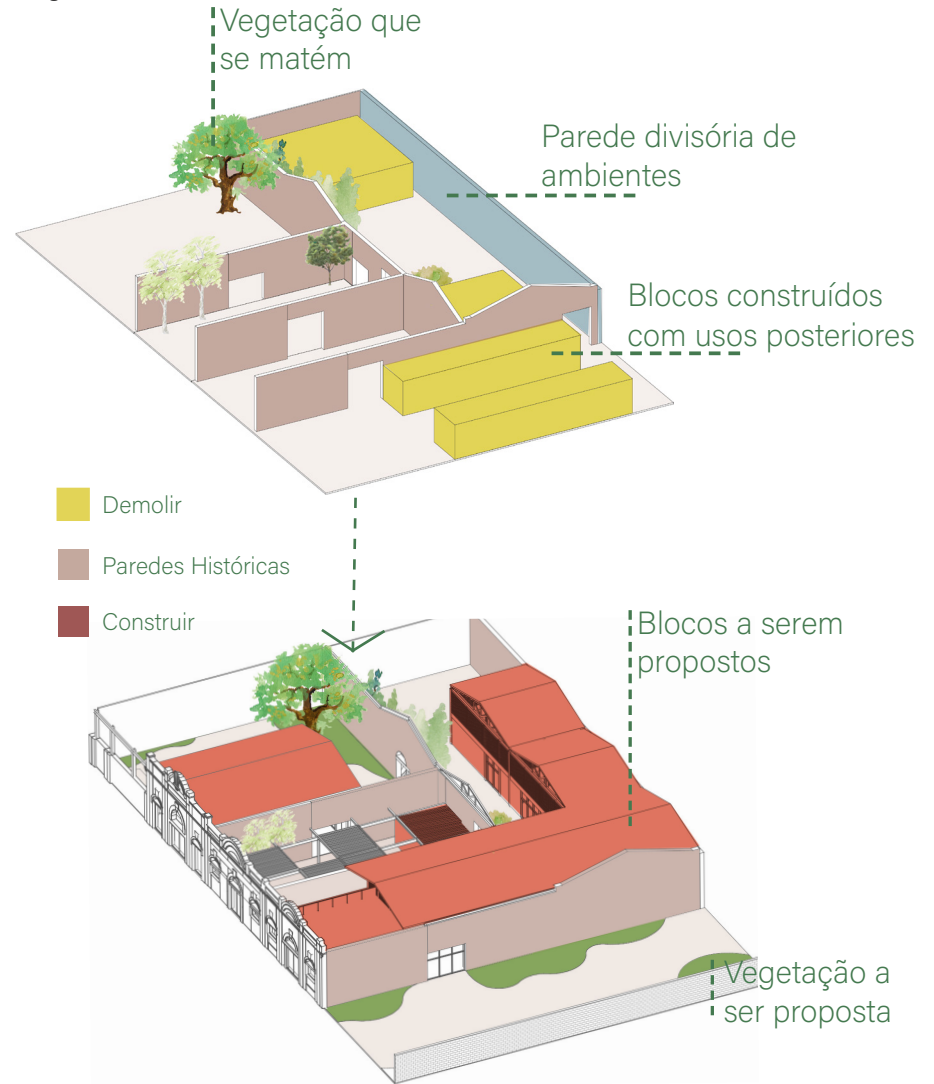


Fonte: autora

Fechamento com esquadria de vidro e tela metálica

Manter cor branca

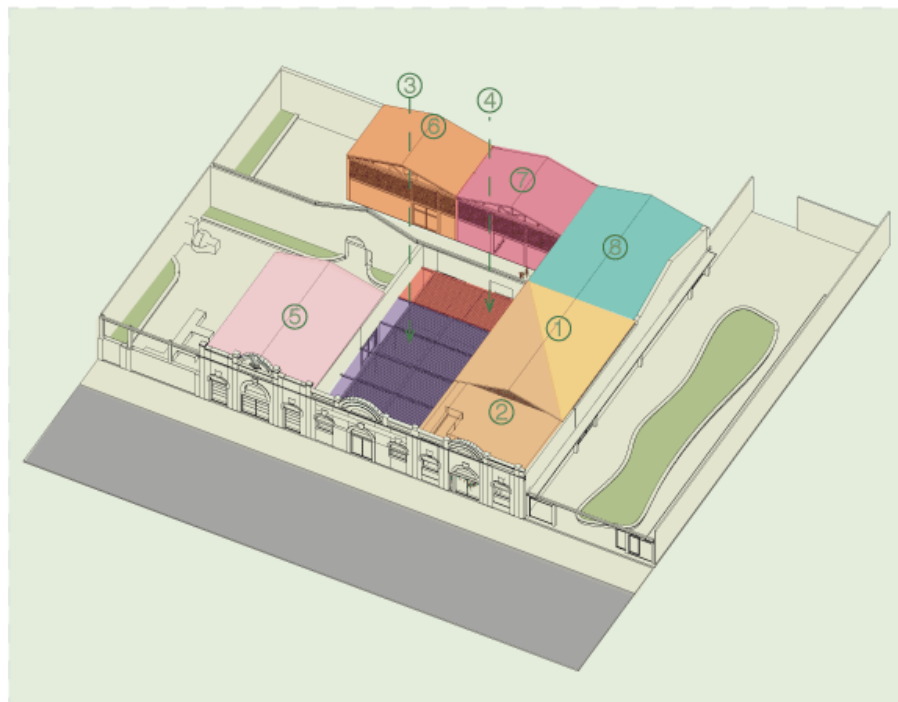
Imagem 35 - Demolir e construir



Fonte: autora

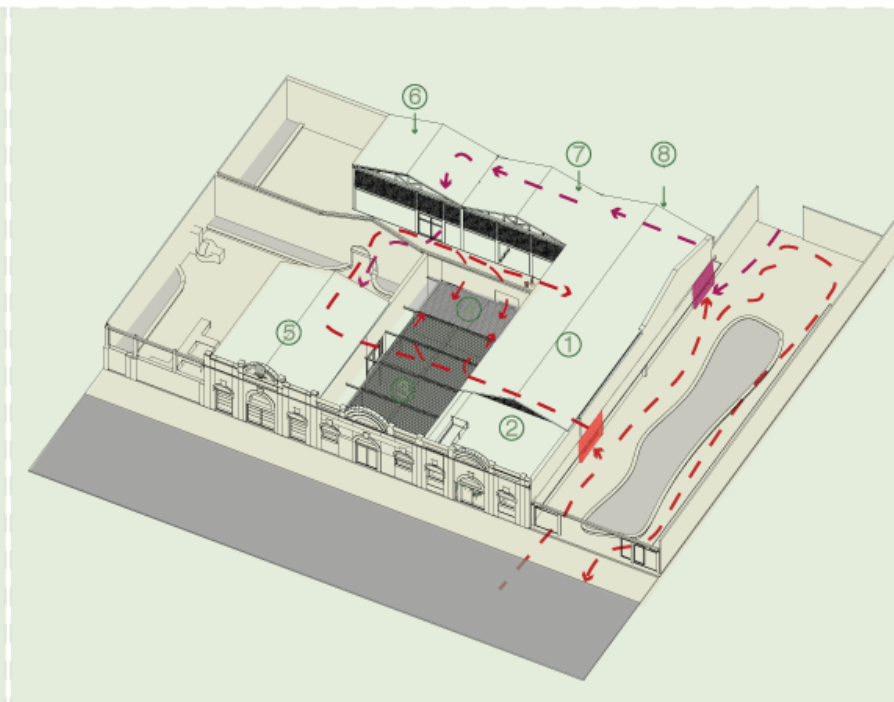
Imagem 36 - Zoneamento (1) e fluxos (2)

1 - Estudo de zoneamento



- | | | |
|------------------------|------------------------|------------------------|
| 1 Administração | 4 Banheiros | 7 Ateliê de pintura |
| 2 Café | 5 Ateliê de cerâmica | 8 Ateliê de fotografia |
| 3 Espaço de exposições | 6 Ateliê de marcenaria | Áreas verdes livres |

2 - Estudo de fluxos



- | | |
|-----------------------------|-------------------|
| — — — — — → Fluxo principal | Entrada principal |
| — — — — — → Fluxo serviço | Entrada serviço |

A setorização pensada para o projeto e os acessos e fluxos estão ilustrados acima na imagem 36. Com acesso pela entrada criada na lateral direita tem-se a entrada principal que dá acesso à entrada do café e a de serviço que se localiza mais aos fundos do terreno e tem fácil acesso aos ateliês, podendo ser feito o transporte de materiais também pelo lado oposto a Sá e Albuquerque, pelo estacionamento do Jaraguá. Esse espaço foi pensado com um canteiro central que se curva direcionando quem caminha por lá a cada entrada. As paredes tem proteções de beirais para que possam servir também de espaço para exposições.

Nessa área do terreno podem ser expostas peças produzidas nos cursos de artes do local, convidando o público que passa a conhecer o Centro de Artes. Além disso, como o local é pensado para que possam ser realizados eventos fechados foi pensado em um grande portão que se recolhe na fachada, servindo para isolar parcialmente o local quando preciso. Ao ser fechado esse espaço pode se integrar também com as áreas internas criando vários ambientes expositivos diferentes de acordo com as necessidades dos eventos.

Pela entrada principal chega-se ao café, área administrativa e ao acervo do Centro de artes. Pensando que o café pode ser destinado ao público em geral, é destinado um espaço no térreo para a área de cozinha, sendo ela pequena e adaptada para intervir o mínimo nas paredes preexistentes, com toda parte elétrica sendo aparente. Foi feito um mesanino com vista para a Rua Sá e Albuquerque, abrigando mais espaços de mesas e cadeiras e criando um local contemplativo se misturando com visualização a praia e aos prédios históricos do bairro. Já a área administrativa e acervo se situam logo na entrada, servindo de apoio, para eles foi feito um bloco mais baixo em madeira fazendo que não se perca a amplitude do local.

Imagem 37 - Entrada lateral aberta.



Fonte: autora

Imagem 38 - Café.



Fonte: autora

O próximo espaço é semi-coberto e destinado a realização de exposições, sendo livre e adaptável, onde as colunas e coberta se afastam das paredes preexistentes. O ideal é que elas não sejam usadas como apoio para as exposições (como para quadros) para que seja feito o mínimo de danos as paredes. Além disso foi situado a bateria de banheiros criando espaços abertos e integrados com jardim e a parte posterior do centro de artes.

Imagem 39 - Espaço para exposições.



Fonte: autora

De acordo com o Decreto nº 6.061, sendo um monumento histórico por lei e estando em setor de preservação rigorosa, deverá ser utilizado exclusivamente a telha cerâmica com inclinação de 25% como cobertura, mantendo a materialidade presente no bairro. Com a intenção de manter essas características, mas priorizando a praticidade de instalação, durabilidade, leveza e menores custos a telha a ser utilizada é a de fibrocimento colonial, que visualmente se assemelha a telha cerâmica e pode atingir a mesma inclinação da telha colonial.

Imagem 40 - Vista interna ateliê de cerâmica e coberta.



Fonte: autora

Esse foi a escolha para as cobertas do projeto, exceto no banheiro onde se pensou em dar a menor ênfase possível, utilizando a mesma telha com inclinação mínima de 10%. Também foi escolhido o uso de coberturas móveis utilizadas em alturas mais baixas, que se situam na área de exposição semi coberta e pode ser configurado de acordo com os usos do espaço.

Essa foi a saída encontrada para manter a parte do meio do terreno com o mínimo de coberta possível seguindo a configuração atual encontrada, nesse espaço não existe a menor definição da coberta preexistente ou empenas que guiem como nos outras laterais. Esse espaço será destinado para exposições e por ser mais livre foi escolhido o uso de brises móveis que pode ser adaptado a cada organização de exposição escolhida para se realizar ali, tornando-as dinâmicas e flexíveis..

Como exemplo de projeto que utiliza esse sistema, foi encontrada a Casa das Pérgolas Deslizantes do escritório FGMF (imagem 41). Neste projeto também foram utilizadas vigas metálicas e elas estruturam uma série de pérgolas móveis que se adaptam aos desejos dos moradores. Buscou-se então empregar uma estrutura similar, utilizando do padrão das vigas que estruturam os espaços fechados para que também sirvam de apoio as pérgolas.

Imagem 41 - Casa das Pérgolas Deslizantes

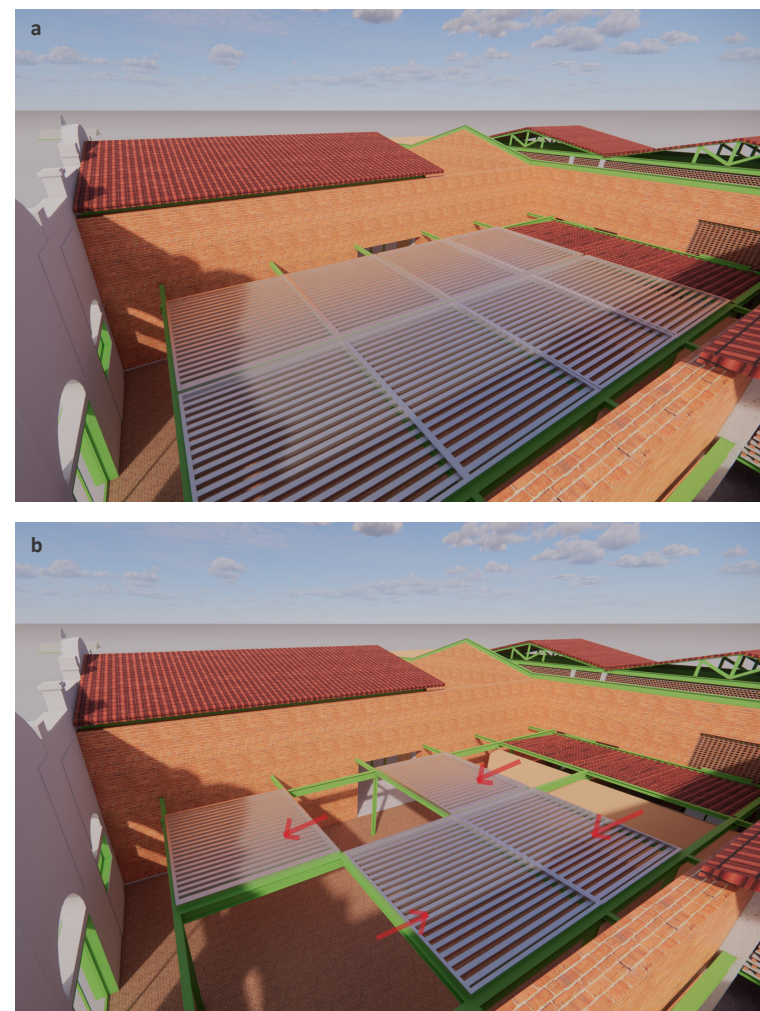


Fonte: Archdaily

Nas imagens ao lado são demonstradas duas opções de uso e ressalta também a distância da cobertura das paredes e a diferença de altura do telhado proposto com relação as outras cobertas que seguem os alinhamentos com os frontões já existentes.

Imagem 42 - Pérgolas móveis no Centro de Artes e Exposições

(a) completamente fechada
(b) opção de abertura



Fonte: Autora

No projeto, os tijolos aparentes vão aparecer de outras duas formas: criando paredes formando cobogós e no fechamento da parte superior das estruturas, também em formato parecido com aberturas que facilitam a ventilação e a entrada de luz. Essas escolhas são tomadas principalmente para utilizar o mínimo de paredes fechadas na escola de arte, criando ambientes livres, integrados, com circulação de vento e passagem de luz entre cada ambiente, fechando apenas onde for necessário.

Junto do uso do tijolo aparente temos as esquadrias em alumínio e vidro e as estruturas metálicas de vigas e colunas, que vencem maiores vão e precisam, pela proximidade com o mar e à alta salinidade local, a escolha por uma estrutura resistente à corrosão ao longo do tempo é fundamental. As vantagens mais conhecidas do aço incluem sua boa resistência e facilidade de montagem, também proporciona maior área útil e vãos mais amplos. Além disso, o aço tem sido uma opção frequente na restauração de edificações históricas. Embora seus custos possam ser mais elevados as vantagens superam essas considerações.

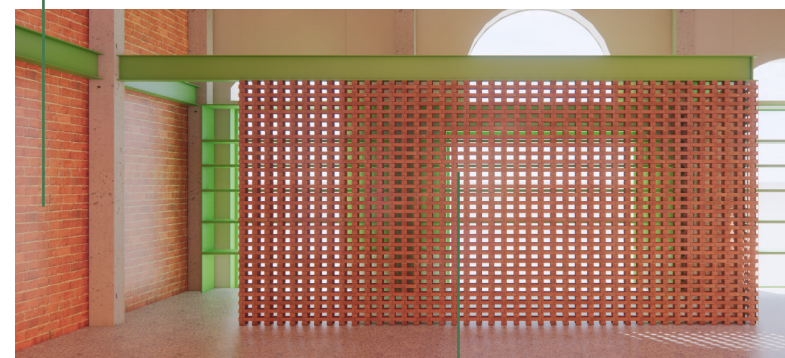
A área da lateral direita, como definido anteriormente, foi pensada para ser um espaço de livre circulação, com a possibilidade de ser fechada para eventos. Foi feito o fechamento apenas com um grande portão que se recolhe, mas mesmo ao ser fechado permite a visualização do que acontece dentro. Esse espaço é aproveitado como área de exposição, além de ser um espaço como uma praça, com banco e seu jardim central que encaminha a que estiver no espaço para as entradas do centro ao mesmo tempo que cria uma circulação como a de um espaço de exposições, dando a volta pelas paredes que possuem uma pequena cobertura para proteger as peças expostas.

Imagem 43 - Exemplos de padrões dos tijolos usados em projeto.



Padrão de tijolo aparente como cobogó

Tijolo das paredes preexistentes



Padrão de tijolo aparente como cobogó

Fonte: Autora

Por fim, passando o espaço de exposições, estão os ateliês. Separados por cada tipo de arte a ser ensinada e iniciando com o ateliê de cerâmica que possui um espaço semi-fechado destinado a colocar o forno e as peças a serem queimadas. As prateleiras de peças finalizadas ficam próximas as aberturas na fachada servindo como uma espécie de vitrine para a rua. Do lado externo, junto ao jardim e situado em uma parede que não pertence a caixa mural preexistente fica o forno caseiro, também para a queima da cerâmica produzida.

Também existe a possibilidade de estender todo o ambiente de aulas para a parte aberta. Os jardins são amplos e arborizados em todos os espaços de ateliês com essa finalidade, podendo ser colocadas mesas, cavaletes e outros instrumentos necessários para as produções dos cursos.

Imagem 44 - Ateliê de Cerâmica.



Fonte: Autora

Imagem 45 - Pátio externo/ateliê de Cerâmica.



Fonte: Autora

Na parte de trás se encontram o ateliês restantes. Entre todos, os espaços destinados aos ateliês de cerâmica e fotografia são os maiores por precisarem de subdivisões como a área da queima das esculturas, a sala escura para a revelação de fotografias, vestiários e o espaço de estudio em si. Os outros dois possuem programas de necessidades mais simples e por isso são um pouco menores. Além disso, como falado anteriormente, existe a possibilidade do uso de todo o espaço do Centro de Artes para aulas dos cursos ofertados. Os blocos na parte de trás são em ordem: marcenaria, pintura e fotografia, todos ligados por um grande pátio que também dá acesso ao banheiro, e com varias aberturas e paredes apenas em cobogós.

Além do grande pátio, os ateliês são também interligados entre si por portas que seguem o alinhamento da entrada de serviço, para assim facilitar a passagem dos materiais utilizados nos cursos de artes. Dentro da parte de fotografia tem um pequeno bloco de madeira fechado para a sala escura que deve receber o mínimo de iluminação possível e para os vestiários que auxiliam a parte de ensaios fotográficos. Os demais ateliês são amplos possuindo apenas grandes bancadas e pias que são necessárias para a produção. E assim temos todo o projeto do Centro de Artes, um espaço amplo, com diversas possibilidades de uso para que seja liberada a criatividade de todos os alunos que possam frequentá-lo e os espaços de exposição.

Imagem 46 - Ateliê de Pintura.

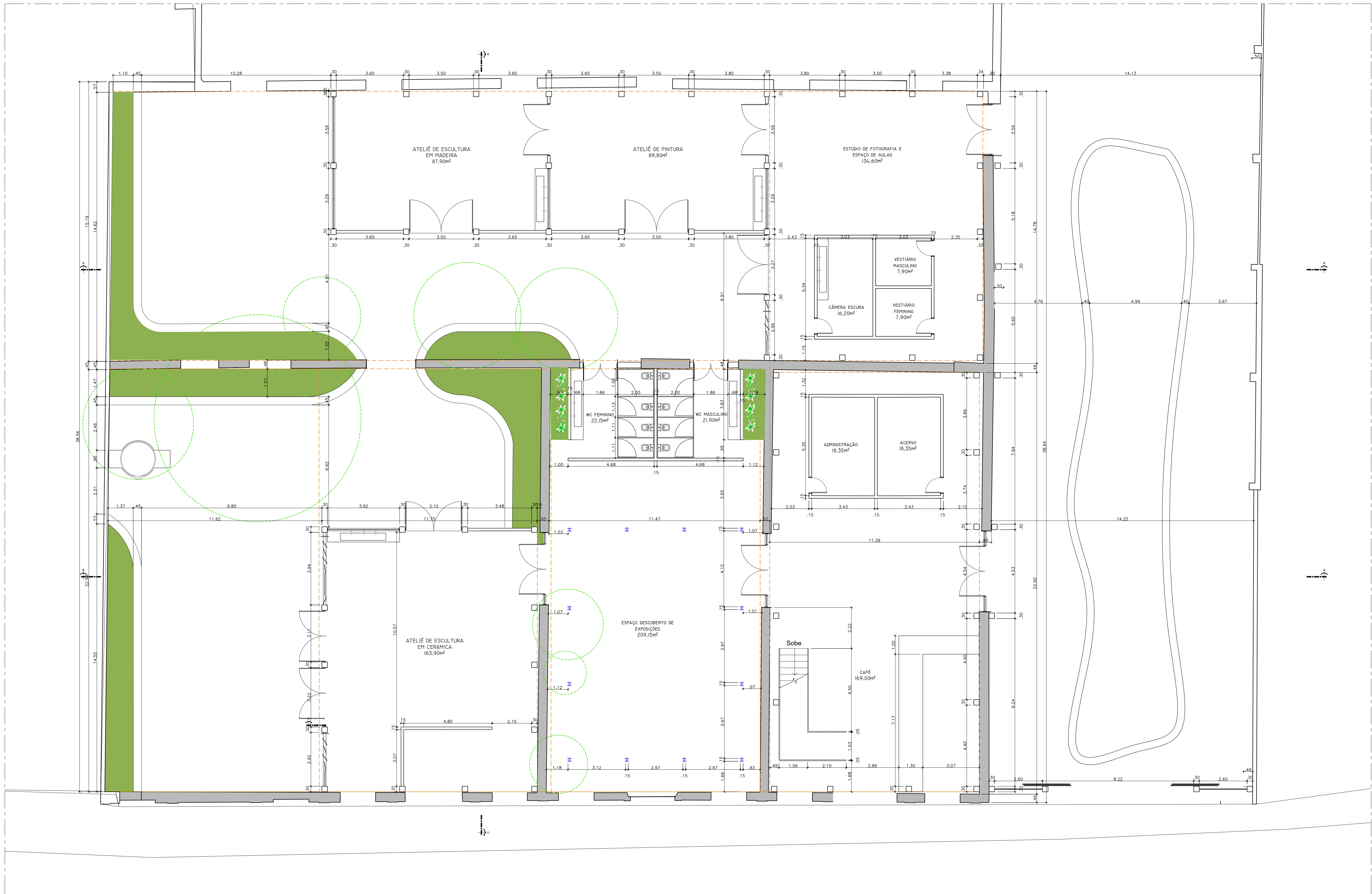


Imagem 47 - Ateliê de Marcenaria.



Imagem 48 - Ateliê de Fotografia.

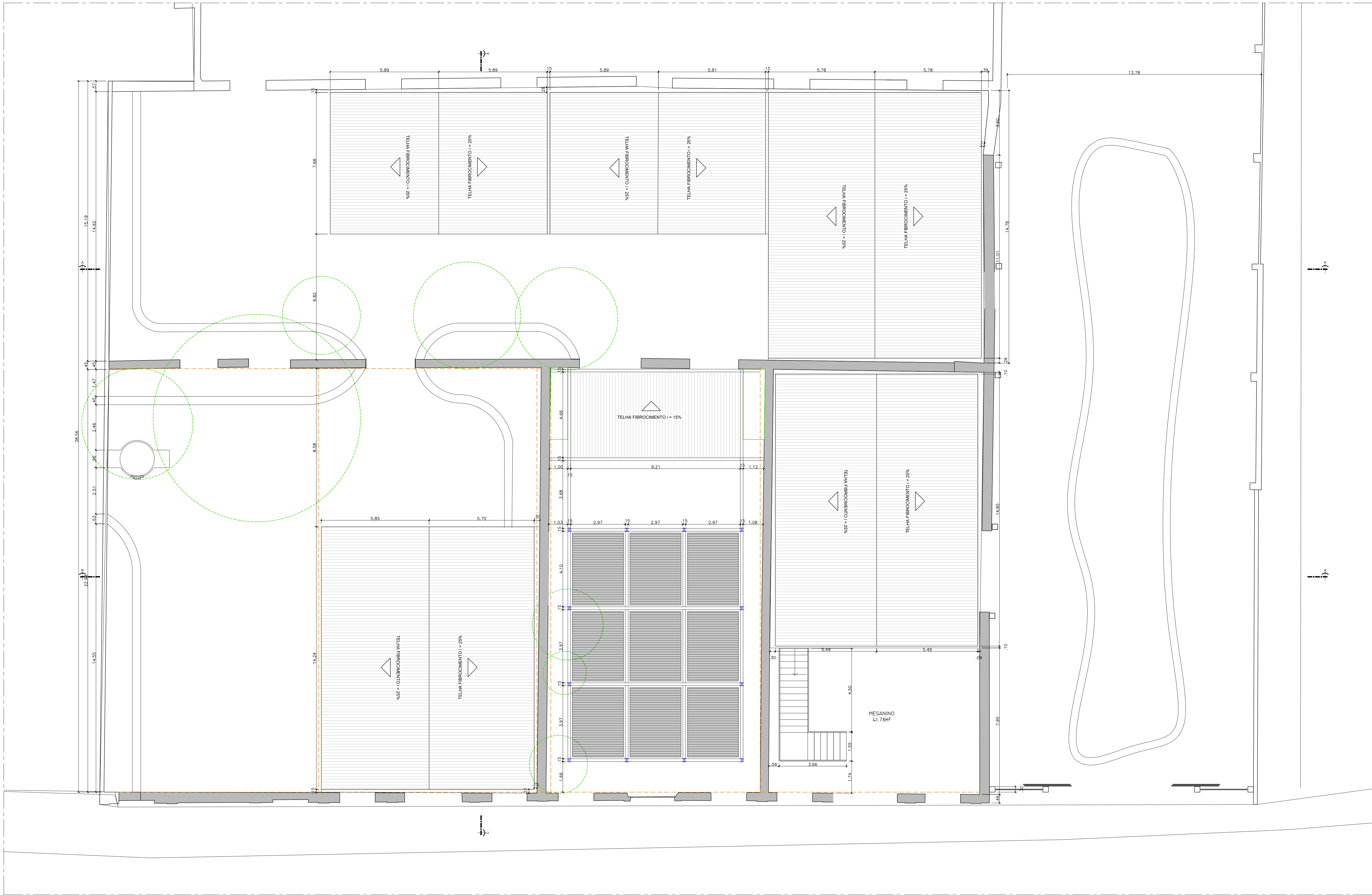




PLANTA BAIXA
ESC.: 1/100

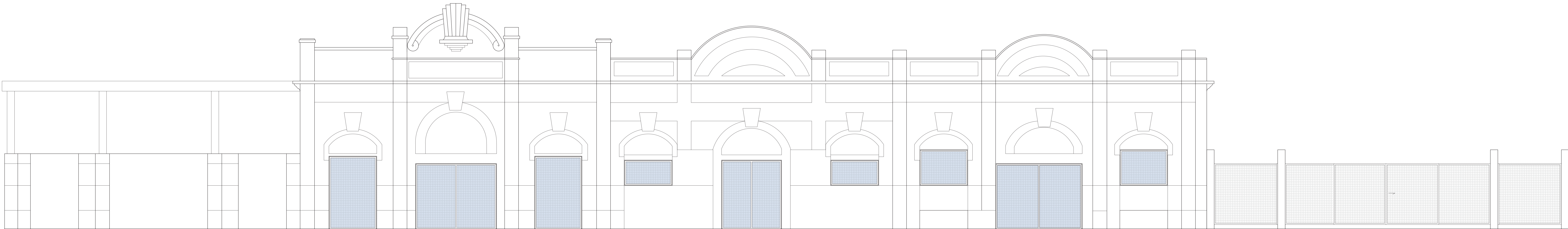
LEGENDA	
	LINHA DE REFERÊNCIA PARA ALINHAMENTO DE PAREDES

PROJETO ARQUITETÔNICO DE UNIDADE UNIFAMILIAR LOCALIZADO NO CONDOMÍNIO RESIDENCIAL ACQUAVILLE EM PARIPUEIRA-AL	
Autora: Thaminy Leticia Leão de Oliveira	Data: JULHO/2024
Disciplina: TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO (TFG)	Escala: 1/100
Endereço: R. Sá e Albuquerque, 189 - Jaraguá	Prancha: 1/5
Conteúdo: Planta Baixa	



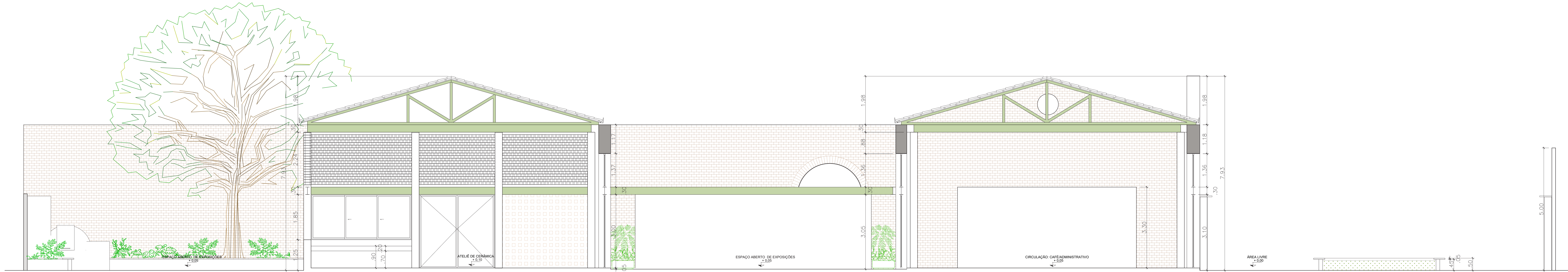
PLANTA DE COBERTA
ESC.: 1/100

PROJETO ARQUITETÔNICO DE UNIDADE UNIFAMILIAR LOCALIZADO NO CONDOMÍNIO RESIDENCIAL ACQUAVILLE EM PARIPUEIRA-AL	
Autora: Thaminy Letícia Leão de Oliveira	Data: JULHO/2024
Disciplina: TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO (TFG)	Escala: 1/100
Endereço: R. São e Albuquerque, 189 - Jaraguá	Prancha: 2/5
Conteúdo: Planta de Coberta	



FACHADA
Esc.: 1/50

PROJETO ARQUITETÔNICO DE UNIDADE UNIFAMILIAR LOCALIZADO NO CONDOMÍNIO RESIDENCIAL ACQUAVILLE EM PARIPUEIRA-AL	
Autora: Thamiry Letícia Leão de Oliveira	Data: JULHO/2024
Disciplina: TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO (TFG)	Escala: 1/50
Endereço: R. S6 e Albuquerque, 189 - Jaraguá	Prancha: 3/5
Conteúdo: Fachada	



CORTE AA
ESC.: 1/50

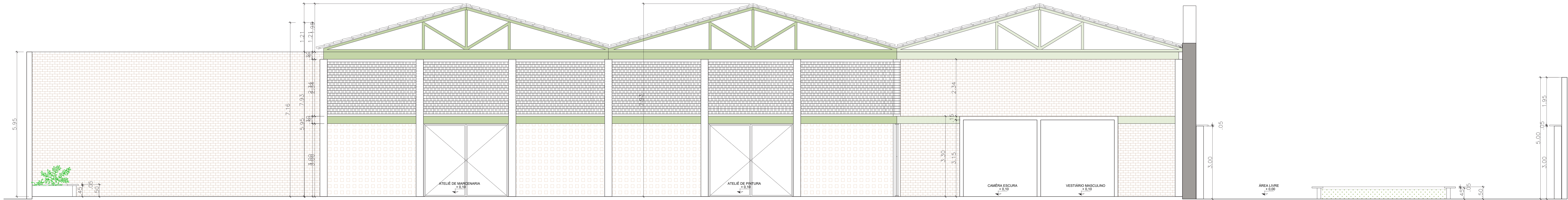
PROJETO ARQUITETÔNICO DE UNIDADE UNIFAMILIAR LOCALIZADO
NO CONDOMÍNIO RESIDENCIAL AGUAUVILLE EM PARIPUEIRA-AL

Autora: Thaminy Letícia Leão de Oliveira Data: JULHO/2024

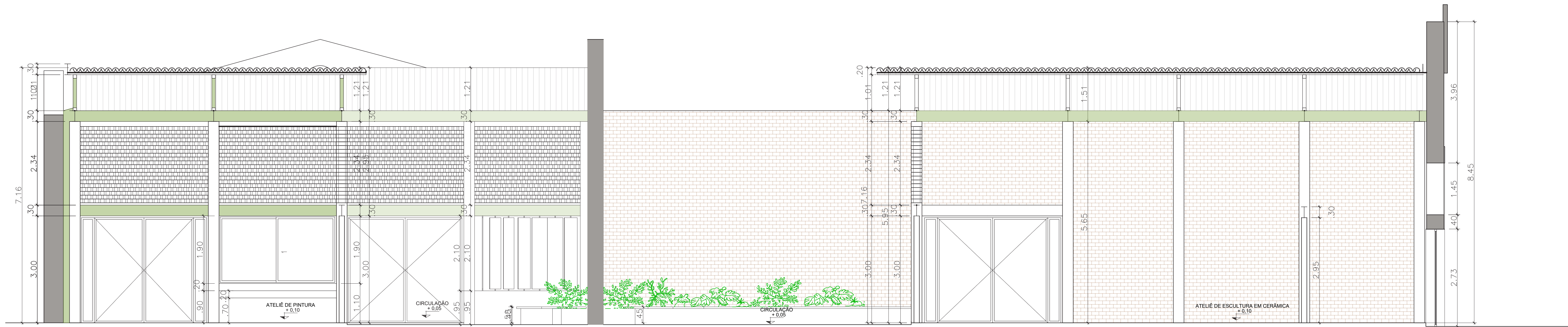
Disciplina: TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO (TFG) Escala: 1/50

Endereço: R. Sô e Albuquerque, 189 - Jaraguá Prancha: 4/5

Conteúdo: Cortes



CORTE BB
ESC.: 1/50



CORTE CC
ESC.: 1/50

PROJETO ARQUITETÔNICO DE UNIDADE UNIFAMILIAR LOCALIZADO NO CONDOMÍNIO RESIDENCIAL AGUAVILLE EM PARIPUEIRA-AL

Autora: Thaminy Letícia Leão de Oliveira

Data: JULHO/2024

Disciplina: TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO (TFG)

Escala: 1/50

Endereço: R. S6 e Albuquerque, 189 - Jaraguá

Prancha: 5/5

Conteúdo: Cortes

4|CONSIDERAÇÕES FINAIS



Estas considerações finais destacam a essência e os desafios enfrentados durante o desenvolvimento deste projeto. O objetivo foi criar um espaço que estabelecesse uma conexão entre o passado e o presente, respeitando a integridade histórica do local, que se manifesta através de suas paredes, vãos, frontões e aberturas. Simultaneamente, revitalizar o edifício em seu estado de decadência, introduzindo materiais e sistemas construtivos contemporâneos, marcando uma clara distinção entre o presente e a história do local.

No entanto, enfrentar a restauração de edifícios como o Trapiche Segundo, com mais de um século de existência, apresenta inúmeros desafios e limitações. É necessário respeitar o valor simbólico do espaço como uma memória nostálgica de seu passado. Além disso, o edifício está localizado em uma área tombada e é considerado um monumento histórico, o que acrescenta uma camada adicional de complexidade devido às rigorosas regulamentações que devem ser respeitadas.

Inicialmente, imaginou-se que seria fácil encontrar referências visuais através de um extenso acervo fotográfico do bairro, a fim de entender como era o trapiche em sua forma original. No entanto, a ausência de imagens adequadas, juntamente com danos significativos no edifício, causados por intervenções impróprias realizadas ao longo dos anos e a falta de cobertura, desafiou o esforço de preservação e restauração, seguindo as diretrizes estabelecidas para monumentos históricos.

Houve a tentativa de recuperar elementos que, baseados na observação do local e seu entorno, imaginou-se que existiam e poderiam ser restaurados. Foram removidas as alvenarias que fechavam aberturas originais e substituídas por esquadrias de vidro, respeitando as formas existentes. Foi utilizada a telha de fibrocimento silimar cerâmica para a cobertura, seguindo as inclinações dos frontões remanescentes.

Os materiais selecionados para o projeto foram escolhidos de forma a se confundirem com as paredes de tijolos ainda presentes criando um falso histórico, mas sim para complementar as ruínas existentes, sem desviar a atenção delas. A introdução de colunas e vigas metálicas também contribui para uma estética contemporânea, enquanto fornece suporte estrutural às novas adições, reduzindo a dependência exclusiva das paredes.

Em resumo, buscou-se criar uma relação harmônica entre o passado e o presente, revitalizando uma ruína subutilizada e protegendo-a contra os efeitos patológicos que afetam sua condição atual, bem como contra intervenções desrespeitosas aos seus vestígios, como as que ocorreram no passado. Este projeto representa o compromisso com a preservação dos reliciosos da história, mantendo sua integridade e originalidade enquanto é gerada uma nova obra.

Através de projetos e usos como os destinados ao Trapiche neste trabalho de conclusão de curso, busca-se criar o incentivo e a reabilitação de outros edifícios que se encontram em situações similares nos bairros históricos, como Jaraguá e Centro, em Maceió. Atualmente poucos são os projetos que trazem um uso cultural e artístico para esses locais, que respiram história e arte.

5 | R E F E R Ê N C I A S



ABDEL, Hana. Casarão da Inovação Cassina / Laurent Troost Architectures. **ArchDaily**. Brasil, 04 abr. 2022. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/958210/casarao-da-inovacao-cassina-laurent-troost-architectures?ad_source=myad_bookmarks&ad_medium=bookmark-open. Acesso 27 Set 2023.

ALAGOAS. **Lei n. 6.061, de 19 de novembro de 1984**. Homologa resolução do conselho Estadual de Cultura e de Preservação do patrimônio Histórico, artístico e natural. Disponível em: <<http://www.cultura.al.gov.br/patrimonio-cultural/principal/legislacoes/829-decreto-n-6-061-1984>> Acesso em: 27 set. 2023.

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira de. Projeto contemporâneo e patrimônio edificado: reflexões sobre a sessão temática. *In: Anais do IV ENANPARQ*. Porto Alegre: PROPAR, 2016. Disponível em: <https://enanparq2016.files.wordpress.com/2016/09/s38-00-andrade-junior-n.pdf>. Acesso em: 27 set. 2023.

Antigo galpão da Asplana vai abrigar faculdade. **Edivaldo Junior**. Maceió, 2014. Disponível em: <http://edivaldojunior.com.br/2014/10/24/antigo-galpao-da-asplana-vai-abrigar-faculdade/>. Acesso em: 27 set 2023.

ARAUJO, C. F. L. de. Edifícios de habitação em áreas urbanas consolidadas: Rue des Suisses, e Casarão do Carmo. **PARC Pesquisa em Arquitetura e Construção**, Campinas, SP, v. 3, n. 2, p. 22–35, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/parc/article/view/8634565>. Acesso em: 27 set. 2023.

Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 9050**. Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro, 2020.

ATAÍDE, Débora Lucena de. **Jaraguá ontem e hoje**: um lugar sob a ótica dos idosos. 2015. 120 f. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de

Alagoas, Maceió, 2015.

BAETA, Rodrigo. NERY, Juliana. Intervenções Arquitetônicas Contemporâneas em Ruínas: valorização ou destruição? *In: Anais do III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (III ENANPARQ)*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2014.

CARVALHO, A. M. A. de. A exposição como dispositivo na Arte Contemporânea: conexões entre o técnico e o simbólico. **Museologia & Interdisciplinaridade**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 47, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/12654>. Acesso em: 26 set. 2023.

Casa CS / Memola Estúdio + Vitor Penha. **ArchDaily**. Brasil, 09 Nov 2022. ArchDaily Brasil. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/972015/casa-cs-estudio-penha>. Acesso em: 27 Set 2023.

Casa das Pérgolas Deslizantes / FGMF. **ArchDaily**. Brasil, 24 Dez 2014. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/759465/casa-das-pergulas-deslizantes-fgmf-arquitetos>. Acesso em: 27 Set 2023.

COUTO, Heloísa Helena; “EXPOGRAFIA: DESIGN DO ESPAÇO EXPOSITIVO”, p. 3657-3669 . *In: Anais do 12º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design* [Blucher Design Proceedings], v. 9, n. 2. São Paulo: Blucher, 2016. Disponível em: <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/expografia-design-do-espao-expositivo-24550>. Acesso em: 27 set. 2023.

DINIZ, Luciana Nemer. Projetos contemporâneos em ruínas: o passado compartilhado no presente *In: Anais do III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (III ENANPARQ)*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2014.

DOURADO, O. Por um restauro urbano: Novas edificações que restauram cidades monumentais. **Revista de urbanismo e arquitetura**, [S. l.], v. 6, n. 1, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rua/article/view/3225>. Acesso em: 27 set. 2023.

Espaço do Arquiteto. **Stecno: Fornos e Equipamentos**. Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.stecno.com.br/espaco-do-arquiteto/>. Acesso em: 27 Set 2023.

FERREIRA, Bruno Marcos. **Flexibilização de regras e diretrizes na intervenção arquitetônica**: estudo de caso a partir de ruína ouro-pretana. 2019. 61 f. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo)- Escola de Minas, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2019.

Forno Elétrico SI. **Stecno: Fornos e Equipamentos**. Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.stecno.com.br/forno-eletrico-si/>Acesso em: 27 Set 2023.

FORTES, Cynthia Nunes da Rocha. **Um porto atlântico colonial da américa portuguesa**: a participação de Jaraguá na formação do território alagoano e na gênese da cidade de Maceió. 2018. 390 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

GOMES, Ítalo Monteiro de Oliveira Mariano. **Reabilitar o edifício Palmares**: proposta de um Centro de Referência para o patrimônio imaterial alagoano no Centro de Maceió/AL. 2020. 223 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.

GOMES, Ítalo Monteiro de Oliveira Mariano *et al.* JARAGUÁ EFÊMERO: Um livro aberto para as transformações urbanas na Rua Sá e Albuquerque. **In: 12º Mestres e Conselheiros**: Patrimônio e Cidade - Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://www.doity.com.br/anais/12-mestres-e-conselheiros-patrimonio-e-cidade/trabalho/196113>. Acesso em: 26 set.

2023.

KLUPPEL, Griselda.; SANTANA, Mariely. **Manual de conservação preventiva para edificações**. Brasília, DF: Iphan / Programa Monumenta, 1999.

MACEIÓ. **Lei n. 4.545** de 14 de novembro de 1996. Institui normas gerais de proteção a edificação ou a conjunto de edificações, cujas expressões arquitetônicas ou históricas constituam o Patrimônio Cultural Edificado de Maceió, disciplina a preservação desses bens e dá outras providências. MACEIÓ. Prefeitura de Maceió. **Lei Municipal Nº 5.593** de 08 de fevereiro de 2007. Código de Urbanismo e Edificações do Município de Maceió. MACEIÓ. Prefeitura de Maceió. **Lei Municipal Nº 5486** de 30 de dezembro de 2005. Plano Diretor do Município de Maceió.

Magalhães Corrêa de Oliveira Andrade, Lourdes; Amélia Pereira de Carvalho, Cristina. **Jogos de poder na revitalização dos centros históricos**: o caso do bairro de Jaraguá em Maceió. 2005. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

MELO, Raphael Ferraz Almeida; LAPA, Tomás de Albuquerque. **Edifícios novos em sítios históricos**: análise dos impactos sobre a autenticidade e integridade do patrimônio construído. 2009. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

NASCIMENTO, Vinicius Silva. **Habitar o Patrimônio**: proposta de habitação de interesse social para o trapiche Jaraguá em Maceió/AL. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo)- Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018;

PACE, Sarah A. Gonzaga. **Proposta de intervenção no antigo Banco de Londres situado no Sítio Histórico do Bairro de Jaraguá em Maceió/AL**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo)- Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

RODRIGUES, Angela Rosch. **Ruína e patrimônio cultural no Brasil**. 2017. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SCHLEE, A. de A.; MEDEIROS, A. E. de A. As intervenções contemporâneas em bens culturais patrimonializados. O caso de Portugal. **Paranoá**, [S. l.], n. 22, p. 182–195, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/paranoa/article/view/25732>. Acesso em: 26 set. 2023.

SILVA, Amanda Renata Amorim e. **A territorialidade do patrimônio cultural do bairro do Jaraguá da cidade de Maceió – AL**. 2016. 155 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente, Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.

SILVA, G. R. Experiência e representação do abandono e arruinamento do bairro do Jaraguá em Maceió/Brasil. **Revista Inter-Legere**, [S. l.], v. 4, n. 31, p. c25390, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/25390>. Acesso em: 27 set. 2023.

SILVA, S. M. A.; SALOMÃO, P. E. ESTRUTURA METÁLICA; **Liberdade conferida pelo aço**. Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, [S. l.], v. 9, n. 1, 2023. Disponível em: <https://revista.unipacto.com.br/index.php/multidisciplinar/article/view/1187>. Acesso em: 27 set. 2023.

Torno Eletrônico ST-400. **Stecno: Fornos e Equipamentos**. Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.stecno.com.br/torno-eletronico-st/> Acesso em: 27 Set 2023.

VASCONCELOS, H. M. T.; FIORIN, E. Arquitetura, urbanismo e história do bairro Jaraguá, Maceió/AL. **Research, Society and Development**. v. 9, n. 4, mar. 2020.

Vox Room em Jaraguá Maceió. **Festas e Shows**. Brasil. Disponível em: <https://festaseshows.com.br/loais/vox-room-em-jaragua-maceio/>. Acesso em: 27 Set 2023.